

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES-CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA-UAHG
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO

**A CIDADE AGORA TEM VOZ E PODE SER OUVIDA:
UM ESTUDO SOBRE O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES
“A VOZ DE POCINHOS”**

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO de 2011

CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO

**A CIDADE AGORA TEM VOZ E PODE SER OUVIDA:
UM ESTUDO SOBRE O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES
“A VOZ DE POCINHOS”**

Monografia apresentada como exigência do curso de Bacharelado em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima.

Campina Grande-PB

2011

CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO

**A CIDADE AGORA TEM VOZ E PODE SER OUVIDA:
UM ESTUDO SOBRE O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES
“A VOZ DE POCINHOS”**

Monografia apresentada como exigência do curso de Bacharelado em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em História.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima (Orientador)

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza (Examinador)

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Examinador)

Monografia aprovada em: 07/12/2011

Campina Grande – PB

2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

Aos meus pais Cleodomilson e Geralda, razão do meu viver! A ele que todas as manhãs me acordava para ir à escola, mostrando o valor que cada dia de estudo tem na nossa formação. E a ela, que sempre se preocupava com minhas notas, me incentivando a ser melhor! A vocês painho e mainha dedico a concretização dessa vitória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que com todo seu Amor e Cuidado esteve ao meu lado em todos os momentos que vivi ao longo deste curso, fossem eles alegres ou tristes, foi o Seu Amor de Pai que me conduziu até aqui! Se não fosse por Ele nada disso teria acontecido na minha vida. Muito obrigado Deus amado por tudo e é para Ti a realização deste sonho!

Aos meus pais Cleodomilson e Geralda, o meu muito obrigada por nunca desistirem do que eu sou e por acreditarem em mim, dando apoio e direção. A minha mãezinha tão linda, que foi a maior incentivadora para que eu conquistasse os meus objetivos, com seu carinho e seus esforços diários, para que eu conseguisse terminar esta fase da minha vida. Nos dias de angústia e tristeza quando não conseguia dar andamento a este trabalho, era o seu amor de mãe que ao se aproximar de mim e ao passar a mãozinha na minha cabeça sem dizer uma palavra, me dava o carinho necessário para que eu seguisse em frente, para agora dar este orgulho a senhora e um dia se Deus permitir, uma vida melhor para a senhora e para painho.

As minhas outras “metades” meus irmãos Priscila e Júnior que acompanharam toda a produção deste trabalho e do meu curso, sempre cuidando cada um a sua maneira para que eu concluísse este curso. Porque sei que a minha alegria também é alegria para eles, e sei que juntos ainda vamos partilhar, e darmos muitas outras alegrias aos nossos pais. Sem a minha família não seria nada. Muito obrigada por tudo! Amo muito vocês!

Sempre digo que por aonde vou, nunca estou sozinha que Deus na sua infinita bondade sempre manda uma legião de anjos para me ajudar e guiar, e aqui também não foi diferente. Desde já peço desculpas se não mencionar algum nome aqui por não recordar no momento, mais quero que saibam que ao longo desses cinco anos de caminhada, cada “anjo” que passou pela minha estrada foi e será lembrado com muito carinho e gratidão! A todos vocês o meu muito obrigada!

E um desses anjos foi você Mário que esteve ao meu lado, não só durante o curso, mais durante alguns anos da minha vida, você faz parte também desta vitória que hoje celebro em minha vida! Além de tantas vezes ter sido um amigo e companheiro ouvindo minhas angústias e alegrias, foi não sei quantas vezes me buscar em Campina Grande quando não tinha ônibus dos estudantes e quando eu não podia mais faltar... São detalhes preciosos, mas que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui e sei que mesmo hoje, não sendo mais tão presente na minha vida, sei que também ainda torce pelas minhas conquistas! Muito Obrigada por tudo!

A minha afilhada Isabella que nos dias que me encontrava sozinha, vinha me alegrar com o seu amor e cuidado, dizendo que me amava muito! Arrumando meus cabelos para deixar “madrinha bonita” me fazia dar uma pausa neste trabalho, para deixá-la me arrumar e me fazer perceber que são nesses pequenos detalhes que eu sentia seu grande amor por mim e o quão tão bom é sentir esse amor! Ao meu cunhado Danilo, que é um amigo e que sei que posso contar sempre, que nos finais de semana vinha aqui para a minha casa, mais brincar comigo e me fazer sorrir, do que namorar com Priscila.

Agradeço ao meu orientador Luciano Mendonça de Lima, pelos direcionamentos que me deu ao longo deste trabalho pelas vezes que teve paciência comigo ao longo deste processo, este trabalho também é resultado do seu esforço, por isso só tenho a agradecer. Aos professores Clarindo e Iranilson que receberam o meu convite com tanta atenção para examinarem esse trabalho, meu muito obrigada!

Aos meus mestres nos quais eu tive a oportunidade de conviver e de aprender tantas lições que vou levar para vida... Da UAHG e de outros departamentos, mas em especial agradeço a Clarindo, Iranilson, Luciano e Celso que com seus ensinamentos e por tratarem com carinho e atenção cada um de seus alunos, fizeram com que cada aluno se tornasse uma pessoa única e especial. Quando estiver nas salas de aula da vida quero ser igual a vocês, para que os meus alunos se sintam motivados e que acreditem em si mesmos, assim como me senti todas as vezes que precisei de vocês ao longo desta estrada, a minha eterna gratidão!

As pessoas que com tanta atenção e carinho que me cederam algumas horas dos seus dias para que fossem feitas as entrevistas que foram essenciais para a realização deste trabalho sou muito agradecida por isto. E aos funcionários da Prefeitura Municipal de Pocinhos, que receberam a mim e a Elayne, com respeito e atenção nos dias que realizávamos nossas pesquisas.

Por fim, a minha caminhada ao longo deste curso não teria sido a mesma, se ao longo desta não tivesse encontrado tantas flores ao longo desta estrada. Além de enriquecer a minha formação, tive a oportunidade de conhecer pessoas tão lindas, que espero ao término desta caminhada, não perder a amizade e se possível for levar para toda a vida. Como Adriana que com sua docilidade e meiguice me conquistou, aliás, não me conquistou na verdade me encontrei nela e por vezes achei que era eu disfarçada em outra pessoa... Minha flor você é uma amiga preciosa e que bom que te encontrei! uma amiga de verdade, que aonde eu for nunca vou esquecer que nas horas mais difíceis do curso e

da minha vida e que ninguém sabia, você com seu coração amigo cuidou de mim com o seu amor! Te amo muito!

A Elayne, Eveline, Suzana, Graça e Ana Nery, que juntas dividimos tantas histórias e momentos. Elayne e Eveline como falar de vocês? Cada uma na sua particularidade foram peças que me ajudaram a caminhar, Elayne companheira de curso, na realidade em alguns momentos até me distanciei das meninas nas disciplinas devido os nossos horários, mas foi com Elayne, que fiz todo o meu curso e nessa fase final esteve sempre presente sendo a minha assistente nas gravações das entrevistas e amiga nas horas dos desabafos, em você descobri uma menina boa e gentil que apesar do seu jeito doido, soube me conquistar de jeito. Eveline, sempre estivemos próximas, sendo mais do que amigas de curso, fomos confidentes uma da outra, revelando coisas que só cada uma podia entender... Suzana em uma aula de África veio com uma história que eu parecia com um furão! Acredita! Briguei muito para que não me chamasse por isso, mais toda vez ela me respondia “ah minha filha eu chamo mesmo meu furãozinho”, Foi então que descobri que eu era única e só a mim ela chamava assim... Era uma forma de dizer que gostava de mim... Ah vai entender! Mais acima de tudo foi muito amiga em tudo, me ajudando quando não tinha computador e não sabia fazer slides.

Graça é um exemplo para a nossa turma, nela muitas vezes via o jeito da minha mãe, deve ter sido por isso que me identifiquei tanto com ela. Uma batalhadora que merece toda a felicidade do mundo. E Ana Nery, que com suas brincadeiras e loucuras me fizeram rir esquecendo um pouco dos contratempos do curso e da vida. Não posso esquecer de agradecer a Ana, a nossa secretária, que sempre com um lindo sorriso me atendeu tirando as minhas dúvidas quando precisei.

Espero um dia recordar com muito carinho dessa fase tão linda da minha vida e das pessoas que me ajudaram chegar até aqui que sem os quais não poderiam ter conquistado essa vitória. Mais uma vez o meu muito obrigada!

A CIDADE AGORA TEM VOZ E PODE SER OUVIDA: UM ESTUDO SOBRE O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar e caracterizar a importância do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, como um meio de comunicação, para o desenvolvimento político, econômico, social e cultural da cidade de Pocinhos. Também buscamos perceber como a população pôde utilizar este Serviço desde a sua fundação na década de 1950 até o final da década de 1980. Para realizarmos este trabalho, nos pautamos em registros de memórias e em outras fontes como fotografias e documentos escritos que correspondem ao período estudado.

Palavras-chave: Serviço de alto-falantes, comunicação, Pocinhos.

ABSTRACT

The objective of this work is to present and to characterize the importance of the hight service speaker' s voice of Pocinhos, as a mean of communication, for the political, economic, social and cultural development of the Pocinhos' city. We also seek to realize as the population, could use this service since the founding in the 1950s by the end of the 1980s. To accomplish this work, we guided by the memory registers and others sources such as photos and written documents that correspond to the studied period.

Keywords: Service-speakers, communication, Pocinhos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A CIDADE DE POCINHOS	19
1.1- Conhecendo o Distrito	19
CAPÍTULO II: “A VOZ DE POCINHOS”: PARTICIPAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO POLÍTICO E SOCIAL DA CIDADE.....	37
2.1- O Surgimento do Serviço	37
2.2- “Uma cidade sem difusora a gente não sabe de nada”: A utilização da “Voz de Pocinhos” para levar informações à coletividade	45
2.3- O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e o seu papel na política local: Campanhas, pronunciamentos, programas políticos e inaugurações	49
CAPÍTULO III: A CIDADE PRECISAVA MOVIMENTAR-SE: ESPAÇOS DE LAZER E DIVERTIMENTOS ORGANIZADOS POR E COM A AJUDA DA “VOZ DE POCINHOS”	57
3.1- Festa Cívica: o sete de setembro.....	58
3.2- E na cidade tinha divertimentos para todos os gostos... Festa da Padroeira, argolinhas, festas juninas, show de calouros e cinema!	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
FONTES.....	79
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Uma cidade, para tornar-se conhecida, oferece àqueles que a visitam, os mecanismos que a ajudará a ser compreendida como tal. Assim, podemos acompanhar em Certeau¹, que toda sociedade se pensa historicamente a partir dos instrumentos que possui. Contudo, ao voltarmos o olhar para a cidade de Pocinhos, mais precisamente para sua recente história, poderemos verificar a existência de um desses mecanismos que a ajuda a ser reconhecida, ou melhor, a contar a sua própria história. Por estar presente na localidade antes mesmo desta ser emancipada.

Estamos falando do Serviço² de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que é o objeto de estudo deste trabalho, por existir na cidade desde 1951, esta de fato, esteve presente em vários momentos importantes da cidade, noticiando inclusive a emancipação da mesma ocorrida em 10 de dezembro de 1953.

Este trabalho apresenta-se com o intuito de destacar a importância do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” para a cidade de Pocinhos, configurando-se como o principal meio de comunicação local de massa até o final da década de 1980, quando começaram a surgir os chamados “carros de som” e que até os dias atuais ainda está em pleno funcionamento “servindo à coletividade”³. Contudo, havia outras formas de comunicação na cidade, como a troca de correspondências, ouvia-se também algumas rádios que no período já funcionava em Campina Grande e em Recife entre outros. Atualmente mesmo frente a todo avanço da tecnologia, onde as pessoas conseguem obter informações das mais diferentes formas, o Serviço de alto-falantes é ainda um referencial de comunicação no município. Procuramos também contribuir para os estudos relacionados à comunicação em termos regionais, voltando-se como já foi apontado para o interior, para a experiência de pequenas cidades como foi e continua sendo o caso da então cidade de Pocinhos/PB.

O período estudado vai da fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” na década de 1950 até a instalação de outros meios de comunicação na

¹CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982. PP.65/122.

²A utilização da palavra serviço, escrita com inicial maiúscula será usada todas as vezes que estivermos nos referindo à difusora então estudada.

³Utilizamos aqui umas das falas da esposa do fundador do Serviço, a Sr.^a Maria das Neves Albuquerque Rocha, popularmente conhecida como “Dona Neves”, sempre que a mesma coloca o Serviço no ar.

cidade, realizado nos fins da década de 1980, com a chegada dos chamados “carros de som”. Assim, buscamos perceber como o desenvolvimento político, econômico, social e cultural da cidade era noticiado pelo Serviço de alto-falantes e como este esteve atrelado ao desenvolvimento da cidade.

Em muitas cidades como, por exemplo, Campina Grande, antes mesmo que ocorresse a chegada do rádio, já funcionavam os serviços de alto-falantes que animavam, divertiam e levavam notícias às cidades. Foi isto que também aconteceu na cidade de Pocinhos, antes mesmo que aqui chegassem às primeiras ondas sonoras das rádios recém-instaladas na cidade de Campina Grande, foi instalado o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, no ano de 1951.

Desse modo, com a chegada da difusora⁴, os espaços da cidade acabam por serem transformados, os hábitos, os costumes, as festas populares, as datas cívicas, as festas religiosas, as notícias, a política e as mais variadas músicas, praticamente nada mais passaria despercebido sem que a Sr.^a Maria das Neves e o Sr. Hermes noticiassem e divulgassem na “A Voz de Pocinhos”. Devido à riqueza de detalhes que foram e podem ainda ser revelados a partir de outros estudos que, por ventura, tenham como este, o mesmo objeto de estudo, as memórias daqueles que vivenciaram e vivenciam tais eventos, se faz tão importante o estudo sobre tais experiências.

Outro fator que contribuiu para a escolha deste objeto é o desejo de estarmos fazendo uma leitura sobre a história desse Serviço, como forma de preservar e documentar a importância deste Serviço para a cidade de Pocinhos. Utilizando para tanto as possibilidades de análise e reflexão das contribuições legadas da então difusora para a cidade.

Dado este passo, nos restou à tarefa de irmos ao encontro das fontes; afinal de contas, nós trabalhamos com elas e precisamos delas para dar credibilidade ao trabalho⁵. Para realizarmos este trabalho, fomos em busca das fontes que seriam necessárias para compor esta pesquisa. Inicialmente, tentamos encontrar fontes escritas quando estas foram produzidas, mas para nossa decepção, mesmo se tratando de um meio de comunicação existente há alguns anos na cidade, poucos foram os documentos encontrados que demonstravam a existência do Serviço de alto-falantes “A Voz de

⁴O termo “difusora” é bastante utilizado pelos moradores da cidade, para se referirem ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

⁵PINSKY. Carla Bassanezi, (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

Pocinhos”. Para isso, fomos à procura nos arquivos públicos da cidade como o da Câmara Municipal e o da Prefeitura Municipal, tendo encontrado somente três documentos que faziam referência ao então Serviço, mais algo muito escasso que não atenderia aos objetivos que esta pesquisa desejava alcançar.

Foram encontradas também algumas fotografias, que mostravam a participação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, em alguns momentos importantes da cidade, como inaugurações e discursos de políticos. Sobre a possibilidade de se encontrar alguma documentação privada do Serviço, nada pode ser recuperado, por ter ocorrido um incêndio em um cômodo da casa do proprietário e de lá ter se perdido toda a documentação que regulamentava o seu funcionamento, não tendo sido resgatado nada depois deste fato.

Dessa forma, e devido à ausência destas fontes escritas, que fossem capazes de fornecer a base suficiente para o nosso trabalho, buscamos encontrar respostas para nossas indagações no que a história oral pôde nos fornecer. Este tipo de fonte, atualmente tem sido utilizado por muitos historiadores, na tentativa de encontrar vestígios do objeto a ser estudado, recorrendo deste modo para, a memória, seja ela coletiva ou individual, tornando uma opção de fonte, quando ocorre a ausência de fontes escritas.⁶ Tornando-se uma alternativa e não a solução para determinadas questões que envolvem a sociedade em estudo.

Por se tratar de um passado recente, pelo Serviço existir na cidade há 60 anos, muitos que na cidade nasceram e residiram, foram ouvintes do então Serviço, e foram envolvidos de alguma forma pela ação da “Voz de Pocinhos”, sendo participantes diretos ou indiretos do Serviço. Podendo eles mesmos relatarem as experiências vividas a partir, e em torno do que era e continua a ser proposto (por ele, ainda estar em funcionamento, mas não tão ativo como no passado) à população pocinhense. Portanto, para este trabalho, buscamos entrevistar pessoas de diferentes origens; desde aqueles que estavam à frente do serviço como, aqueles que estavam nas ruas e eram ouvintes das programações e notícias que eram veiculadas pelo Serviço.

Sabemos que é no espaço da cidade que se encontram o universal e o particular, o geral e o específico e que nesse movimento de debruçamento, de investigação, o indivíduo ganha destaque como forma de atalho para se reconstruir, os espaços

⁶Esses apontamentos foram feitos a partir das reflexões sobre o método de trabalho com a história oral, proposto por José Carlos Sebe Bom Meihy em sua obra: **Manual de História Oral**. Neste trabalho, o autor indica a metodologia a ser aplicada para se obter tais fontes.

delimitados por cada um⁷. Para assim, compreendermos como a cidade conseguiu realizar o seu desenvolvimento político, econômico, social e cultural.

Por meio dos subsídios oferecidos pela história oral, obtidos através da recuperação das memórias de diferentes pessoas que estiveram envolvidas direta ou indiretamente com o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, realizamos algumas entrevistas. Por sua vez, nós também utilizamos para a construção deste trabalho, outras fontes como aquelas que se caracterizam como sendo uma evidência oral, quando não foram provocadas intencionalmente, como uma entrevista a uma emissora de televisão, mas que a história oral dela se apropria. Juntamente com o cruzamento de outras fontes como os pouquíssimos documentos e fotografias encontradas, quando estas foram possíveis, forneceram as bases para a construção deste trabalho.

Com isto, durante o processo de construção da história, esta por vezes, adquire novas versões, à medida que vai se descobrindo novas pistas que remetem ao fato. Em nosso trabalho, foi isto o que aconteceu à medida que foram sendo realizadas as entrevistas. A cada nova informação que era adicionada, nós íamos conseguindo estruturar este trabalho, por este fator concordamos quando, o historiador Antonio Torres Montenegro afirma que:

“A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo da descoberta de outros documentos e fontes.” (...) (MONTENEGRO, 1992, p. 19)

O trabalho desenvolvido pelo Serviço de alto falantes “A Voz de Pocinhos”, nos anos em que estamos analisando era visto pelos moradores da cidade como sendo uma novidade, mesmo já havendo a presença de rádios na localidade, fosse pela programação ou pelos eventos que eram organizados pelos proprietários, havia sempre um desejo de participar de alguma forma. Podemos perceber isto através da fala de um dos entrevistados, como nos disse o Sr. Gilvan:

“(...) então quando ligava “A Voz de Pocinhos” o povo tinha mais prazer em ouvir, porque não tinha outro meio de comunicação para tá ouvindo música e ouvindo notícia, essas coisa. Então quando ligava o pessoal se aproximava, outros vinha pedir música era assim, sempre que encontrava na rua pedir para mandar um recado.” (...) ⁸

⁷Estas reflexões foram feitas a partir da leitura de MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**/ Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992.p. 09.

⁸Entrevista concedida à autora no dia 09/08/2011, o entrevistado é o Sr. Gilvan José da Silva, de 45 anos, que realizava trabalhos esporádicos como locutor na década de 1980, no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

Para tanto, foram escolhidas pessoas para as entrevistas, aquelas que em algum momento estiveram “atrás dos microfones” e que depois se distanciaram por algum motivo do Serviço, aquelas que ainda executam suas atividades como locutores, como também pessoas que eram e continuam sendo ouvintes da então difusora.

Contudo, sabemos que cada entrevistado buscou recuperar aquilo que foi mais significativo, na época em que esteve mais próximo do Serviço fosse através de um programa ou de algum evento que tenha ocorrido na cidade e que foi divulgada pela “A Voz de Pocinhos”, cada qual, a sua maneira usando para isto a imaginação, buscou descrever as emoções e sensações vividas.

Após analisarmos estes fatos, percebemos que a relação que há entre história oral e memória é bastante significativa. Contudo, se faz muito importante mostrar que segundo o conceito de memória em Meihy (2005), estas seriam lembranças que estariam organizadas segundo lógica subjetiva que seleciona e organiza fatores que nem sempre correspondem a realidade.

Por este motivo, o indivíduo seleciona em sua memória aquilo que para si é revestido de significados, sendo este um processo revestido de subjetividades que depende muito do lugar social que o mesmo está inserido. Segundo Montenegro, “O campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história.” (Montenegro, 1992, p. 20). No entanto, a memória resgata as reações ou o que está presente no desejo e na vontade individual e coletiva, já a história trabalha com o que se torna público, passando antes pelo recorte que será feito pelo historiador.

Ainda, sobre as discussões em torno da memória, Chartier (2009)⁹, nos aponta que a memória seria ela a responsável por certificar a existência de um passado que foi e já não é mais. E que por meio dela o discurso histórico, de forma imediata, encontraria o referencial de seu objeto. Mas, estabelecendo cada qual à sua maneira (história e memória) seus espaços de saber.

A esse respeito:

“(…) mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. A segunda se inscreve na ordem de um saber universalmente

⁹CHARTIER, Roger, 1945- *A história ou a leitura do tempo*/ Roger Chartier; Tradução de Cristina Antunes. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

aceitável, “científico”, no sentido de Michel de Certeau.” (CHARTIER, 2009, p. 24)

Na busca pelos depoimentos daqueles que em suas falas, remetiam ao passado que tinham vivenciado junto ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, procuramos perceber que o processo de construção ou de produção atua como forma de que partindo do real, do acontecido, da memória, corresponda a um processo de mudança ou mesmo de conservação.

Assim ainda como nos afirma Montenegro: “(...) a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. (...)” (MONTENEGRO, 1992, p.19). Com isto buscamos observar não só o que era dito, mas o que foi colocado nas entrelinhas como: os silêncios, as pausas, os gestos, os sorrisos. Tudo aquilo que pôde ser identificado e que contribuiu para a construção deste trabalho, tornando a nossa escrita mais enriquecedora, já que a metodologia da história oral pede para que isto não seja descartado.

Para podermos compreender o papel desempenhado pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, e a sua função como um meio de comunicação, recorreremos aos apontamentos teóricos de Asa Briggs e Peter Burke (2004)¹⁰, em que estes autores apresentam uma análise dos meios de comunicação, destacando os contextos sociais e culturais em que surgiram e se desenvolveram, além de apontar e traçar a história das diferentes mídias bem como as linguagens que elas criaram para a civilização ocidental, conhecimentos fundamentais para a composição deste trabalho.

Para estes autores, os meios de comunicação agem como sendo um caminho, mais ajudando do que sendo a própria origem das mudanças.¹¹ A partir disto, podemos pensar o caso da cidade de Pocinhos, em que “A Voz de Pocinhos”, atuou como sendo um agente que contribuiu e não sendo somente ele a causa, o responsável, pelas mudanças ocorridas em Pocinhos ao longo dos anos.

Sobre a trajetória do rádio no Brasil, e assim as suas experiências em diversas cidades, como foi o caso da cidade do Rio de Janeiro, buscamos estabelecer o diálogo

¹⁰BRIGGS, Asa, 1921- **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**/ Asa Briggs e Peter Burke; tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; Revisão técnica: Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

¹¹Sobre isto, utilizamos os apontamentos de BRIGGS, Asa, 1921- **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**/ Asa Briggs e Peter Burke; tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; Revisão técnica: Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 33.

com a coletânea organizada por Fernando Novais (1998) ¹², em que vários autores reuniram seus escritos sobre as amplas transformações tecnológicas ocorridas na transição do século XIX para o século XX. Os capítulos foram organizados como forma de mostrar os hábitos e costumes que surgiram com as chegadas destas transformações.

Em termos locais, e mais próximos do nosso objeto de estudo, consideramos de grande importância o estudo organizado por Souza (2006) ¹³, para nosso trabalho, por ser tratar de uma análise sobre o rádio em Campina Grande, por podermos assim conhecer, o modo pelo qual se deu a chegada desse aparelho nesta cidade, que alterou em vários fatores o cotidiano dos moradores daquele local. E por na época (1951), Pocinhos ser distrito de Campina Grande, foi natural que houvesse uma “reprodução” dos programas e eventos que eram realizados pelas rádios da então cidade, só que em proporções menores, pelo Serviço de alto-falantes para assim levar alegria e divertimentos aos moradores do distrito.

Após fazermos estas observações, se faz pertinente uma breve apresentação, sobre cada um dos três capítulos que compõem este trabalho.

No primeiro capítulo, buscaremos perceber como o Serviço de alto-falantes foi recepcionado pela população e como ele foi utilizado pela mesma. Para tanto, buscaremos apresentar um breve contexto social e econômico da cidade em meados dos 1950 até a década de 1980, buscando compreender as diferentes conjunturas pelas quais a cidade e o Serviço atravessaram ao longo destas décadas, principalmente no que confere ao desenvolvimento econômico e social. Para assim podermos compreender o momento em que o Serviço foi colocado no ar e como este acompanhou tais situações. As fontes necessárias para estabelecermos este diálogo é o texto escrito por Roberto da Silva Ribeiro no ano de 2003 ¹⁴, junto aos depoimentos colhidos nas entrevistas, e alguns dados do IBGE. Por sua vez, buscamos nos pautar não só em uma única fonte, mas estar cruzando documentos, fotos e relatos orais, quando isto se fez possível.

¹²NOVAIS, Fernando A. SERCENKO, Nicolau (orgs.). **História da Vida Privada no Brasil: da Belle Époque à era do Rádio**. VOL. 3- Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

¹³SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**/ Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas.- EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

¹⁴RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. – Campina Grande: RG, 2003. Este livro foi escrito por um morador da cidade de Pocinhos e abrange desde a Pré-História até meados dos anos 1970, oferecendo alguns indícios acerca da economia e sociedade da cidade nos anos 1950, e nos ajudou a ter um breve conhecimento do período.

Segundo o Sr. Gilvan:

(...) “Justamente, ela teve uma grande valia, uma grande importância para nossa cidade e para a história de Pocinhos né.” (...) ¹⁵.

Ao se referir ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, o entrevistado reconhece a importância que o Serviço teve para a cidade. Estando a mesma presente na história da cidade, fazendo-se ativa ao desenvolvimento político e social, sendo estas as principais questões a serem discutidas no segundo capítulo, com o auxílio das entrevistas e de algumas fotografias, que serão apresentadas como uma fonte que será analisada, associada a outras fontes como a fonte oral, que juntas puderam nos fornecer a compreensão necessária sobre nosso objeto em estudo. Bem como procuramos estabelecer um diálogo com os autores que já foram citados anteriormente.

No nosso terceiro capítulo, buscamos refletir como a chegada deste “melhoramento interno”, neste caso a implantação da difusora na cidade, pôde oferecer à população, quanto a espaços de sociabilidade e divertimento em Pocinhos. Como foi o cinema e os shows de calouros, entre outros. Sendo estes organizados pelos proprietários do Serviço, para tanto, nos pautamos nos relatos orais que foram conseguidos através da fonte oral, associados a algumas fotografias.

Ao término deste trabalho esperamos ter atingido os objetivos que foram estabelecidos. Contudo, como falamos este objeto de estudo, traz em si uma história de 60 anos de existência,¹⁶ podendo assim oferecer inúmeras possibilidades de estudos, por entendermos que existam outros aspectos que podem ser explorados e que não foram contemplados neste trabalho, por outros historiadores ou pesquisadores de outras áreas que, em algum momento, desejem tê-lo como um objeto de estudo.

¹⁵Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011.

¹⁶Mas, que neste trabalho estaremos estudando a recorte histórico que inicia-se em 1950 até o final da década de 1980, no caso 40 anos.

CAPÍTULO I

A CIDADE DE POCINHOS

1.1. Conhecendo o distrito

Em 1951, Pocinhos ainda dependia política e economicamente de Campina Grande, tendo nesta um referencial de desenvolvimento e, por que não dizer, de modernidade também. Campina Grande nos anos 1950 passava por uma transformação física, a exemplo do que acontecia em outras cidades brasileiras, estimulando, por sua vez, também a mudança de hábitos e costumes de seus habitantes.

Antes de analisarmos o nosso objeto de estudo, que é o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, consideramos pertinente apresentarmos a cidade, ou melhor, o distrito de Pocinhos, para deste modo conhecermos o espaço onde este objeto surgiu e conseqüentemente desenvolveu-se, para assim termos, uma melhor compreensão deste objeto de estudo.

Para melhor localizarmos o nosso objeto, apresentaremos um pouco da situação econômica e social do então distrito de Campina Grande, Joffily em meados dos anos 1950, década esta em que surgiu o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Mas, antes disso vamos retroceder à década de 1940 e falemos um pouco da família Joffily, que eram os maiores proprietários de terras no distrito e contavam com o apoio de importantes famílias no Estado. Após a chegada do Padre José Augusto da Silva Galvão em 1938, ao distrito, o local ganhou de certo modo um líder que passou a lutar e se importar com as questões locais, fato que contribuiu para que, com pouco tempo, este conseguisse conquistar a simpatia da população do distrito. Entretanto, para alguns membros da família Joffily a aproximação com o vigário representava um fator positivo para os projetos que logo se seguiram.

A economia do distrito, nessa época dependente do algodão, sofria com os reflexos da crise gerada pela concorrência das colônias inglesas e que foi agravada pela quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929. Com isto, o distrito precisava encontrar alguma forma de movimentar a sua economia, a saída encontrada foi o cultivo de um novo produto: o agave.

O então vigário da paróquia, ao tomar conhecimento da cultura do sisal¹⁷, que estava sendo implantada no Estado, foi até o município de Areia conhecer a companhia do empresário Otoni Barreto Serrão, onde já havia plantações do sisal, para tomar conhecimento sobre a planta e introduzi-la em Pocinhos. Assim sendo, uma planta que se adaptava às condições climáticas do local, logo encontrou nas terras pocinhenses, às condições necessárias para seu desenvolvimento.¹⁸ Segundo Ribeiro (2003), a amizade entre o vigário e a família Joffily foi bastante proveitosa para a implantação desta cultura no local. Porque enquanto a família Joffily fornecia, o apoio financeiro oferecendo os caminhões para o transporte das mudas da planta, técnicos e recursos, por outro lado o Padre Galvão, usando o altar, estimulava o cultivo e tratava de espalhá-lo pela paróquia.

Contudo, sabemos que com esta aliança, ambos saíam ganhado, os Joffily que aumentavam o seu poder econômico e prestígio e o padre que com isto ganhava a admiração e o respeito, que alguns anos a frente conseguiu transformar em votos nas eleições municipais. Todavia, não podemos esquecer que o mérito, para que a cultura vingasse no distrito é para aqueles, que dedicaram horas e horas de trabalho árduo nas plantações, os agricultores. Sem eles a cultura do sisal não teria prosperado e fornecido subsídios econômicos para que, anos mais tarde, o distrito alcançasse a sua emancipação.

Com a cultura do sisal, as plantações que outrora, eram cobertos pelo branco do algodão pronto para a colheita, vestiram-se com uma nova roupagem: o verde. O algodão que era a base da economia cedeu lugar à cultura do sisal. Neste período, não existiam motores para o agave, a folha da planta era contada *in natura* na zona rural do distrito e era enviada para as usinas situadas em outras localidades (como Campina Grande) onde era desfibrada.

Dessa maneira, a influência dos Joffily cada dia aumentava, não só em Pocinhos mais em outros municípios também, com isto em dezembro de 1943, durante os festejos do centenário de nascimento de Irineu Joffily, que foi um dos filhos mais ilustres desta família. Ele foi um jornalista, advogado, juiz de Direito, deputado provincial e deixou suas contribuições com estudos realizados nas áreas da Geografia, História e Etnografia,

¹⁷O agave também é conhecido por sisal.

¹⁸Informações baseadas no site oficial da Prefeitura Municipal de Pocinhos: www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php, acessado em 18/10/2011.

vindo a falecer em 1902. Portanto, para celebrar a data, foram organizados festejos com pompa, não só em Pocinhos, onde foi criada a Filarmônica São José, especialmente para esta comemoração, como também em Esperança e Campina Grande.

Para a ocasião, foram organizadas comemorações que duraram uma semana com distribuição de panfletos sobre a vida e a obra do ilustre pocinhense¹⁹. O entusiasmo foi tanto, que por ocasião das comemorações, o distrito de Pocinhos passou a se chamar Joffily, conforme decreto-lei estadual nº 520 de 31/12/1943.²⁰ Permanecendo assim até a emancipação da cidade em 1953. Nome este que, na verdade, nunca foi muito utilizado pelos moradores que continuaram a chamar “Pocinhos”, já que assim era conhecido este distrito desde o início de seu povoamento, ainda no século XIX.

Os tropeiros que pelo local passavam, vindos do sertão, paravam para dar água aos animais de cargas, por aqui existirem pequenas cacimbas, às quais chamavam “pocinhos”, assim nos explica a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, ao ser perguntada pela mudança do nome do distrito:

“(…) durou pouco, tiraram o nome de Pocinhos, o nome de Pocinhos veio daqueles poços. (...), pois aí esse Pocinhos naquele tempo não tinha transporte, era os tropeiros, era com burro que carregava as mercadorias para fazerem as feiras nesses distritos e então vinha os burros e vinha com sede, aí vamos pra os pocinhos, foi por isso que foi criado, depois quiseram colocar esse Joffily, mas não pegou não, aí desmanchou depois.”²¹

Segundo Ribeiro, “A denominação Joffily nunca ‘pegou’ nem entre os membros desta família que continuavam datando de Pocinhos suas cartas, só para as repartições públicas a vila trocara de nome.” (RIBEIRO, 2003, p. 112). Podemos perceber aqui o que vai se caracterizar como sendo um embate simbólico entre o nome popular e o nome oficial. Cada nome apresentou em si um conjunto de valores distintos, mas que ao final acabou prevalecendo ao que correspondia à tradição popular.

Contudo, para os membros desta família era mais conveniente se “apresentarem” como sendo campinenses, dessa maneira seria mais fácil atrair para eles votos, sem a inconveniência de serem taxados de representantes de outro local, no caso do distrito.

¹⁹Os apontamentos aqui feitos foram realizados com base em: RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. - Campina Grande: Rg, 2003.

²⁰Segundo fonte: IBGE em www.ibge.gov.br/cidades, acessado em 28/10/2011.

²¹Entrevista concedida à autora em 21/09/2011. A entrevistada é uma senhora de 81 anos e que foi esposa do fundador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, tendo nascido e se casado na cidade pôde acompanhar alguns fatos relacionados à história da mesma.

Nisto observamos o que a importância do lugar representava para aqueles, que para conseguirem alcançar, seus objetivos econômicos e políticos, precisavam se denominar filhos de uma cidade, na qual não pertenciam, para deste modo obter prestígio e alcançarem um lugar de destaque.

Neste trecho de Ribeiro (2003), nos nossos comentários e através da fala da entrevistada, percebemos que devido a sua história popular, os habitantes não se adaptaram ao novo nome, até mesmo aqueles que poderiam se orgulhar de terem um distrito, no qual recebera o nome da família, pouco se importavam, procurando em vez disto, se auto-identificarem com sendo filhos de outro lugar. Mostra a pouca importância que foi dada, à nova denominação do distrito, que foi basicamente mudada no “calor do momento”. Prova disto é que tendo passado dez anos da mudança do nome, a entrevistada nos diz que “durou pouco”, mostrando com isso o pouco uso do nome pela população, sendo utilizado somente em documentos oficiais.

Por este fator, mesmo não sendo “Pocinhos” oficialmente, no início dos anos 1950, nós iremos fazer referência ao nome popular e não ao oficial no decorrer deste capítulo.

Com base no estudo realizado por Ribeiro (2003)²², Pocinhos como sendo distrito de Campina Grande tinha toda a sua economia voltada para sua cidade - sede. Campina Grande, na década de 1950, estava experimentando os efeitos do seu desenvolvimento econômico, advindo do “ouro branco” (produção e exportação de algodão), que lhe rendeu o título de “Liverpool Brasileira”, devido tal progresso.²³

Neste momento, o distrito de Pocinhos também acompanhava esse crescimento, observado em Campina Grande. Mas, de modo lento, buscando superar as crises em torno da produção de algodão, mesmo ainda, produzindo-o em pequenas proporções, buscava encontrar subsídios para manter a sua economia. Sobre este feito e a situação econômica do distrito nos anos 1950 nos fala a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha:

“(…) depois Padre Galvão lutou pelo agave foi quem trouxe o primeiro pé de agave aqui pra Pocinhos foi o sustento e a redenção de muitos pobres, em

²²RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral** – Campina Grande: Rg, 2003.

²³As informações acerca do desenvolvimento econômico da cidade de Campina Grande foram retiradas da obra de: CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História**. – Campina Grande, EDUFPG, 2009.

Pocinhos foi o agave e o algodão, passavam fome, o sofrimento era muito grande. (...)”²⁴

Nesta passagem da fala da senhora Maria das Neves, em que ela afirma que “(...) Padre Galvão lutou pelo agave foi quem trouxe o primeiro pé de agave aqui para Pocinhos foi o sustento e a redenção de muitos pobres. (...)” Concordamos que ele realmente trouxe a cultura do sisal para Pocinhos, mas não podemos atribuir exclusivamente a ele, o fato da cultura ter dado certo e ter assim contribuído para a diminuição da miséria no distrito. Para que isto realmente acontecesse, a participação dos trabalhadores rurais foi primordial, não sendo em momento algum um trabalho fácil.

Em Ribeiro (2003) acompanhamos uma breve descrição de como eram as condições de trabalho, na década de 1950, quando já haviam sido instaladas as primeiras usinas de beneficiamento do sisal no município, apontando como era a classificação do trabalho dentro da usina, tudo isto associado às más condições de trabalho que acarretavam problemas de saúde, a estes trabalhadores:

“(...) existia sempre um pó pairando no ar, trabalhavam nelas²⁵ seis categorias de operários, as selecionadoras (mulheres e crianças) que classificavam a fibra de acordo com o comprimento; dois batedores, que realizavam o serviço de beneficiamento na máquina auxiliado por dois ajudantes que lhe entregava a fibra; as encaixadoras que arrumavam a fibra na caixa da prensa; os prensadores que comandavam a prensa, ou no caso das prensas manuais, que faziam a máquina se mover e, por fim, o tratador de bucha. (...)” (RIBEIRO, 2003, p. 120)

Neste trecho percebemos como era dividido o trabalho nestas usinas, e como existiam diferentes funções em que estavam envolvidos homens, mulheres e crianças de diferentes faixas etárias, chegando a corresponder a famílias inteiras. Cada função desta descrita acima oferecia um risco diferente ao trabalhador, nos deteremos a explicar apenas duas delas: a dos batedores e dos tratadores de bucha. Contudo, sabemos também que o trabalho, das pessoas que plantavam as mudas do agave, em momento algum pode ser desconsiderado, porque se não houvesse esta primeira fase, a do plantio, o agave não poderia chegar até as usinas de beneficiamento, tendo estes senão uma

²⁴Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

²⁵Aqui o autor faz referência às usinas de beneficiamento da folha do sisal.

jornada maior, ou até mesmo semelhante a dos trabalhadores das usinas de beneficiamento.

Nesta tarefa, que era designada para os batedores, além de terem que ter um esforço físico para poder puxarem as fibras, quando estas passavam pela máquina de beneficiamento, precisavam ter muita atenção para que as mãos não fossem “engolidas” pelos moedores, algo que acontecia tão rápido que poderia destruir as mãos dos trabalhadores, em questão de segundos, quando não decepava a mão por completo, acabava por mutilar algum dedo da mão do trabalhador, deixando-o inutilizado para o trabalho, sendo bastante comum nos dias atuais, ex- trabalhadores serem encontrados com algum membro amputado na cidade, devido ao trabalho que era realizado no motor²⁶.

Para os tratadores de bucha, o trabalho consistia em manusear as buchas que eram produzidas do sisal, no entanto este trabalhador estava sempre coberto por uma nuvem de pó, o que lhe acarretava problemas respiratórios, na realidade por toda a usina se espalhava esta nuvem de pó, o que por sua vez, fazia com que os demais trabalhadores também desenvolvessem, problemas de saúde ligados ao sistema respiratório. Mas, para o tratador de bucha, a situação era mais crítica, por estar diretamente envolvido nesta poeira, a pessoa que era designada para esta função era constantemente substituída, pois mesmo que desejasse ficar no posto, os problemas de saúde não permitiam.

Além disto, o regime de trabalho era muito intenso dentro das usinas. Iniciava-se o trabalho as três ou quatro horas da manhã, com um intervalo para o almoço às 11 horas, depois retomava-se o trabalho até às 17 ou 18 horas, sendo que na sexta o trabalho prolongava-se até às 23 horas. O salário era baixo, e os batedores recebiam um valor variável segundo a produção, sendo ainda um valor bem abaixo da jornada de trabalho realizada.²⁷ Todavia, estes trabalhadores sofriam com os apelidos que a eles eram atribuídos, como por exemplo, “candangos de motor”.

Podemos perceber que as condições de trabalho vivenciadas por estes trabalhadores das usinas de beneficiamentos do sisal, não eram muito favoráveis, o perigo era constante e os problemas de saúde eram muito comuns. A vida destes

²⁶“motor” é o termo utilizado por estes ex-trabalhadores se referem às usinas de beneficiamento.

²⁷Informações fornecidas pela senhora Maria Jacinto Frutuoso, 78 anos, que trabalhou nas usinas de beneficiamento nas décadas de 1950/1960.

trabalhadores do sisal na cidade de Pocinhos aproximava-se muito do que era vivido pelos trabalhadores das usinas de beneficiamento do algodão, quanto às condições de trabalho, na cidade de Campina Grande. Em Cabral Filho (2009) podemos acompanhar como era a vida desses trabalhadores nas usinas de beneficiamento de algodão, onde funcionavam as máquinas denominadas “*bezouro e piolho*”²⁸ que eram utilizadas para retirar o caroço do algodão. Vejamos:

“O *bezouro* é uma máquina aperfeiçoadíssima que retira do caroço até não mais poder a última fibra, mas fazendo um escarcéu tão danado e deitando pelo mundo uma nuvem de poeira tão espessa e incomodativa, que não há quem possa suportar. Todos os empregados no penoso serviço dessas máquinas progressivas, porém mortíferas, são geralmente atacados do mal de consumpção [sic]. É raro o trabalhador de *bezouros*, que não termine tuberculoso. (...) Os habitantes das ruas 13 de maio, Tiradentes, Irineu Joffily, Sólón de Lucena e Otacílio de Albuquerque, vivem atacados de uma gripe permanente, a tossir de rebentar, com o algodão desfeito em pó a se infiltrar por toda a parte, danificando ainda móveis e utensílios das residências. (...)”²⁹ (CABRAL FILHO, 2009, p.110)

Como nas usinas de beneficiamento do sisal, as usinas de beneficiamento de algodão também não ofereciam boas condições de trabalho, em ambos os trechos tanto em Ribeiro (2003) como em Cabral Filho (2009) aparentemente parece que estamos falando do mesmo local de trabalho devido às semelhanças nas descrições que no lugar pairava “uma nuvem de poeira” que acarretava nos trabalhadores problemas respiratórios graves que na maioria das vezes impossibilitava o retorno do trabalhador ao seu ofício. Contudo os problemas de saúde, para o caso de Campina Grande, não se limitava somente aos limites das usinas afetando somente os trabalhadores, mas também aos moradores que moravam próximos a estas usinas.

Neste momento, concordamos com Cabral Filho (2009)³⁰, que assim como em Campina Grande que o processo de desenvolvimento econômico foi composto por

²⁸Nomes dados devido o barulho que as máquinas faziam, quando estavam em funcionamento.

²⁹Este trecho faz parte de uma reportagem veiculada no Jornal Voz da Borborema, em 06 de outubro de 1937, e é analisado pelo autor Severino Cabral Filho em sua obra. Mais informações ler: CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História**/ Severino Cabral Filho. – Campina Grande, UFCG, 2009.

³⁰Neste trabalho o autor apresenta um capítulo em que discute a modernidade e o trabalho: as dores do progresso, fazendo uma análise do desenvolvimento que a exportação do algodão trouxe para Campina Grande. Este progresso trouxe à tona um jogo de interesses colocando de lados opostos, aqueles que usufruíam da riqueza proporcionada pelo algodão e os trabalhadores que a tal processo foram submetidos.

alegrias e sofrimentos. De alegrias, para aqueles que usufruíam dos benefícios que a modernidade financiada à custa de muito trabalho trouxera, e de sofrimentos para aqueles que vivenciaram os efeitos negativos do trabalho, como os acidentes e a má remuneração. Em Pocinhos, só mudamos de contexto, mas podemos perceber que os efeitos do desenvolvimento econômico, que o distrito sentiu a partir da década de 1950 foi semelhante. Podemos afirmar que foi tecido pelas mesmas tramas, onde aqueles que estavam à frente do processo de cultivo e beneficiamento recebiam os lucros e o reconhecimento por terem implantado a cultura no local, e na outra margem estavam os que trabalhavam dia-a-dia sofrendo com os acidentes de trabalho e sendo praticamente escravizados e que financiaram tal progresso, como nos disse a senhora Valdeci Jacinto Oliveira:

“O dono do motor era aquele que lucrava à custa dos pobres, que era os escravos, era eles que saía bem... quem não trabalhasse no motor morria de fome, era o serviço mais triste que existia! eu me lembro. (...)”³¹

Por este breve relato, percebemos que a vida dos trabalhadores não era muito fácil, sendo tudo muito precário, a população procurava viver da forma que podia. Após a chegada do agave a situação aparenta ter melhorado, tendo que recorrer aos “motores” para conseguir sobreviver e assim, poder conseguir os mantimentos necessários para o consumo diário. Como podemos acompanhar muitos desses trabalhadores dedicavam-se ao trabalho durante toda a semana, com longas jornadas de trabalho, com poucas paradas para o descanso.

Entretanto, essas jornadas de trabalho poderiam em alguns momentos serem transformados pelo som que vinha da rua, quando o Serviço de alto-falantes era colocado no ar e eram tocadas as músicas de alguns cantores. Ao ouvir as músicas, não significa que o trabalho tornava-se mais simples ou fácil, mas que naquele instante podia tornar-se mais maleável por estar sendo embalado pela “Voz de Pocinhos”, quebrando a dura rotina do dia-a-dia. Assim, “A Voz de Pocinhos” pôde entrar na vida destes trabalhadores, que mesmo no seu trabalho podiam acompanhar o que era transmitido para a cidade, fossem músicas ou informações.

Por este motivo, o autor afirma que a modernidade em Campina Grande teve um caráter ambíguo, revestido de bênçãos e flagelos.

³¹Entrevista concedida à autora em 30/10/2011, a entrevistada tem 44 anos e trabalhou nas usinas de beneficiamento quando tinha entre 12 e 13 anos de idade.

Assim o nosso objeto de análise, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, esteve presente na vida de muitas pessoas como, por exemplo, a desses trabalhadores. O nosso recorte histórico é de 40 anos, desde 1950 até o final da década de 1980, contudo sabemos que este Serviço atravessou várias décadas e vivenciou diferentes conjunturas e mudanças ao longo dos anos. Portanto, buscamos compreender, quando isto se fez possível, devido às lacunas existentes quanto à documentação e fontes, como a sociedade foi se organizando, e como este Serviço pode estar presente ao longo destes 40 anos de história da cidade.

Com base nos apontamentos realizados por Ribeiro (2003), após a sua emancipação política, em 1953, Pocinhos e Puxinanã se desmembraram de Campina Grande, sendo Pocinhos a cidade-sede e Puxinanã o distrito. Depois deste fato, um dos primeiros serviços implantados na cidade foi um posto do IBGE, que naquela época expedia os documentos dos moradores e produzia relatórios estatísticos. Neste estudo, a população na época era de 22.944 habitantes em Pocinhos e no distrito de Puxinanã. Contudo, não sabemos se esta contagem abrange os moradores da zona rural, ou só da zona urbana, sendo desconhecidos os critérios utilizados nesta contagem.

Portanto, neste “censo” aparece o número de 70 motores de agave, que são menores e mais simples, em que a fibra do sisal é moída, três usinas de beneficiamento do agave, em que as fibras são melhores aproveitadas, havia também na sede 45 pequenos estabelecimentos comerciais. Quanto ao número de veículos, existiam 34, sendo 19 caminhões que transportava o sisal e o algodão, 12 caminhonetes, 2 jipes e 1 ônibus, nesta contagem não aparecem o número de bicicletas. Quanto às residências, é apontado o número de 600, sendo que só metade destas recebiam energia elétrica.³² A cidade sede nesta época possuía 25 ruas, 21 iluminadas, apenas três pavimentadas.

A feira semanal era realizada às quartas feiras, em frente à Igreja matriz, dia em que a cidade recebia mais pessoas que aqui vinham comprar ou comercializar produtos como cereais, estivas, frutos, verduras e animais, sendo esta a forma de se obter tais produtos. A foto abaixo mostra como era organizada a feira livre:

³²Estes números correspondem também as residências que havia no distrito de Puxinanã.



Imagem 1-(Acervo da senhora Adriana Souto da Silva), esta fotografia nos mostra a forma como eram comercializados os produtos no dia da feira em Pocinhos na década de 1950.

Esta fotografia é de autoria desconhecida, não conseguimos identificar qual precisamente foi o ano em que a mesma foi produzida. Ao mostrarmos esta fotografia a algumas pessoas que vivenciaram esta época, em que a feira era realizada onde atualmente é localizada a praça central, dizem ser esta foto referente à década de 1950, já que na década seguinte a feira foi retirada deste lugar, para um mercado público afastado do centro da cidade.

Possivelmente pelo enquadramento que esta foto possui, ela foi feita da torre da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, acreditamos que o fotógrafo queria retratar aquele dia de feira e como se davam estas trocas comerciais, na recém-cidade de Pocinhos. Era o dia em que a cidade ficava mais animada, e recebia pessoas de diferentes localidades que vinham comprar os produtos necessários para o consumo diário.

Nesta quarta-feira, dia em que era realizada a feira, possivelmente era um dia de sol, e pelo horário em que a foto foi feita, o sol já estava bastante quente, pelo que vemos, há pessoas que procuravam a sombra das pequenas árvores para se abrigar, enquanto há

outras que não se importam com o sol e continuam as suas conversas sem nenhuma proteção. Sabemos que a feira era um momento de encontro para as pessoas que não se viam durante a semana e que neste dia encontravam um momento para conversarem e se distraírem.

Contudo, neste dia, em que a figura do fotógrafo surge na torre da Igreja, faz com que aquilo mude o cenário da feira, talvez algumas pessoas nem o tenham visto ali, mas dois homens que estão bem ao lado esquerdo parecem notar a figura de tal pessoa e param a conversa, para contemplar o momento, já que a figura no fotógrafo não era algo tão comum de se ver toda semana naquele lugar.

Aparentemente, não existia uma organização certa, para o ambiente da feira, entretanto, existem pequenas barracas que eram armadas no lugar, que o comerciante achasse conveniente para que as pessoas pudessem escolher e comprar os produtos que precisavam. Sendo este o dia da semana, que estes produtos poderiam ser encontrados, por não existir na época, nenhum outro local em que fossem comercializados durante a semana, como nos disse a senhora Maria das Neves: “(...) ai tinha um banco assim na feira vendia café, açúcar essas coisas, não tinha supermercado nem nada. (...)”³³. Estas barracas estavam colocadas no centro e no lado direito da rua, já que por esta fotografia, percebemos que o lado esquerdo da rua era ocupado por caminhonetes, que possivelmente eram usadas para realizar o transporte das pessoas que vinham à feira para comprar ou comercializar mercadorias.

Neste ambiente, observamos a presença de pessoas simples, como homens, mulheres e crianças, que faziam deste dia, um dia diferente dos que eram vivenciados no restante da semana. E neste contexto, o Serviço de alto-falantes se fez presente, trazendo alegria e animação para o local, transformando hábitos rotineiros, como ir à feira, se tornasse algo diferente. Antes, o que só se ouvia era a voz dos clientes ou dos vendedores, que gritando tentavam vender suas mercadorias; a partir de 1951 pôde-se ouvir outra voz que ecoando nos quatro cantos da cidade: “A Voz de Pocinhos”.

Vejamos como nos disse o senhor Antônio Fernandes Andrade, como era o dia da quarta, quando era realizada a feira semanal:

“É tocava as músicas e a feira era na quarta aqui né, ai dava muita gente (sic), (...) era ligado dia da feira, ficava avisando, avisando ai as notícias, os anúncios, as músicas, o programa de oferta musical sempre na quarta feira

³³Informações concedidas à autora no dia: 21/09/2011.

fazia. Era na quarta no dia da feira, eu trabalhava ficava lá o dia todinho com eles³⁴, enquanto tivesse gente na rua a gente tava com a difusora ligada.”³⁵

O distrito contava com um gerador de energia a diesel, que desde 1926 iluminava o local por algumas horas durante as noites, mas com mais de 20 anos de uso o velho motor, que não se sabe se era novo quando foi instalado no distrito de Pocinhos, já não suportava a carga de trabalho, e o serviço de energia elétrica que já não era de qualidade, torna-se cada vez mais ineficiente, isto nos anos de 1950. O Abastecimento de água era feito por meio de uma caixa d' água, e também era bastante precário.

Em Pocinhos, também havia um sanatório denominado São José, que anteriormente teria sido construído para ser um hospital e maternidade, mas por falta de recursos foi vendido o prédio para o Instituto de Aposentadoria e Pensão do Estado (IPASE) para que no local fosse aberto o Sanatório São José, destinado ao tratamento de doenças do aparelho respiratório, mais especificamente da tuberculose, já que o clima do local era propício ao tratamento da doença.

Possuía também uma filarmônica denominada São José e um pequeno cinema, o Cine São José que procurava animar a vida no povoado. Durante esta mesma década, após a emancipação política de Pocinhos, no ano de 1954 ocorreu à inauguração do prédio da prefeitura e uma reforma na fachada da Igreja Matriz. Em 1957, o Cine passa por uma reforma, se transformado em um “cinema de verdade”, oferecendo um espaço maior para aqueles que desejavam assistir algum filme; para evitar questões políticas, o prédio foi doado à paróquia, e o cinema entregue aos cuidados do senhor Hermes de Oliveira Rocha.

No ano de 1958, sob a administração de Joaquim Limeira, ocorreu um fato que a câmara de vereadores, como forma de prejudicar a administração do prefeito, isentou de impostos por cinco anos a firma “Sociedade de Moagem Irmãos Ltda” causando com isto alguns desentendimentos entre vereadores, que em sua maioria não pertenciam ao partido político, do qual, o prefeito fazia parte a UDN (União Democrática Nacional), mas o que queremos mostrar é que a população não ficava alheia ao que se passava na Câmara e na Prefeitura. Após ser feita a lei, ela foi publicada no Serviço de alto-falantes para que a população fosse informada, vejamos o documento:

³⁴Aqui o entrevistado se refere ao senhor Hermes e a senhora Maria das Neves.

³⁵Entrevista concedida à autora no dia 26/08/2011. O entrevistado é um senhor de 65 anos, morador da cidade e colaborador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

Em caso de não poder ser bem visualizado este documento, resolvemos transcrevê-lo aqui:

(fl. 1-frente)

[BRASÃO]³⁶

Estado da Paraíba

Prefeitura Municipal de Pocinhos

Pocinhos - Paraíba

(sic) DE LEI Nº 89/58

RECONHECE DE UTILIDADE PÚBLICA E
CONCEDE INSENÇÃO DE IMPOSTOS
MUNICIPAIS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Prefeito Municipal de Pocinhos faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte L E I:

Art. 1º - Fica o poder executivo autorizado a reconhecer de utilidade publica a “sociedade de moagens irmãos limitada”.

Art. 2º - Fica igualmente o executivo Municipal autorizado a conceder insenção de impostos e proventos Municipais a Sociedade de moagens irmãos limitada, de acordo tudo com o artigo 73 da lei 321 de 8 de janeiro de 1949, pelo prazo de 5 anos (cinco anos).

Art. 3º - Revogadas as disposições em contrários esta lei entra (sic) em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Pocinhos, 3 de dezembro de 1958.

[ASSINATURA]

Prefeito Municipal

(fl. 1- verso)

Publicação

Publicado três vezes, no Serviço de alto-falante “A Vós de Pocinhos” em datas de 3,4 e 5 de dezembro de 1958

[ASSINATURA]

Proprietário de “A VÓS DE POCINHOS”

³⁶Este documento foi transcrito conforme o original.

É interessante notar que a “justificativa”, para que, a Sociedade de Moagens Irmãos Limitada, presente no artigo primeiro, é que esta Sociedade por ter prestado serviços de “utilidade pública” fosse isenta do pagamento de impostos à Prefeitura Municipal de Pocinhos. Entretanto, neste documento não é discriminado de que forma teria esta empresa, servido à comunidade. Algo certamente que levanta algumas indagações: como uma sociedade que pelas suas produções, poderia pagar bons tributos à Prefeitura, que por sua vez, pudessem ser transformados em recursos para a população, estaria isenta por cinco anos do pagamento de seus impostos? Possivelmente, esta lei foi motivada, mais por motivos políticos do que pelo reconhecimento da “utilidade pública” da Sociedade de Moagens Irmãos Limitada. Já que no ano seguinte a esta lei o candidato do PSD José Alves foi eleito e fez maioria dos vereadores na Câmara, derrotando Joaquim Limeira da UDN.

Bem sabemos que essa política partidária servia apenas de fachada e que na realidade o que estava em vigor eram as práticas políticas marcadas pelo autoritarismo, que existia e que perseguia os trabalhadores. Nesta Sociedade de Moagem havia muitos trabalhadores que tinham no seu voto, a garantia de ter um trabalho, dessa maneira acabava sendo coagidos por tais práticas autoritárias. Certamente, a “isenção” de impostos foi motivada por estes interesses, para que nas eleições do ano seguinte o grupo político que não estava no poder retomassem o seu posto.

Entretanto, um detalhe despertou a nossa atenção; deste documento ter sido publicado no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, durante três dias consecutivos, algo que aparentemente não era comum. Porque durante as pesquisas realizadas no acervo da Prefeitura Municipal de Pocinhos, não encontramos mais nenhum outro documento do período que apresentasse uma prova que tivesse sido também noticiado no Serviço de alto-falantes. Isto nos leva a crer que esta lei apresentou um diferencial em relação às outras leis, não sabemos exatamente o porquê, mas percebemos que no momento que foi preciso informar a população sobre esta lei, a utilização do Serviço foi primordial para que ocorresse a comunicação.

Sob estas tramas, assim Pocinhos chega aos anos 1960 com uma população de mais de 19 mil habitantes, no início da década, o distrito de Puxinanã ainda pertencia a Pocinhos. Na cidade-sede haviam 10 estabelecimentos que empregavam 37 trabalhadores, estes estabelecimentos eram: uma serraria, uma fábrica de sabão e sete padarias, as quais eram os únicos estabelecimentos mecanizados do município. Não

estando incluídos os motores, as prensas e usinas de agave cujo cultivo ainda era próspero.

Em 1962, a cidade de Pocinhos viu chegar à energia elétrica vinda da hidrelétrica de Paulo Afonso na Bahia. No dia da sua inauguração, a cidade recebeu a visita do governador Pedro Gondim, após a solenidade realizada na praça onde o governador e o prefeito acenderam a iluminação pública, a comitiva seguiu para o Cine São José onde teria sido projetado um filme com a nova energia.

A eletricidade, além de enfeitar a cidade, permitir projetar filmes, possibilitou a instalação de prensas automáticas para o agave, ajudando ainda mais no desenvolvimento da cidade. Aliás, a própria chegada da eletricidade já mostrava que a cidade estava em processo de modernização. Neste mesmo ano Puxinanã torna-se cidade, deixando de ser dependente política e economicamente de Pocinhos, já que possuía um número suficiente de cabeças de gado que a ajudaram a conquistar a sua independência econômica. Já para Pocinhos a emancipação de seu antigo distrito não foi tão positiva, pois levou consigo uma parte da sua economia, que era reservada pelas cabeças de gado e pela plantação da batatinha que começara a ser implantada no município.

Sabemos que os anos 1960, foram marcados por novas conjunturas políticas quando a esquerda propõe que sejam feitas “Reformas de Base”, sobretudo agrária. Organizam-se as Ligas Camponesas, partidos de esquerda ganham novos membros e intensificam-se os movimentos sociais. Em 1964³⁷, ano que foi instaurado o regime militar em nosso país, a Paraíba assim como todo o Nordeste estava envolvida em todas as tramas desenvolvidas pela política dita populista. O Estado estava sendo governado por Pedro Gondim, que procurava manter-se neutro frente aos conflitos oriundos das lutas de classes, que neste momento concentrava-se no meio rural.

A mobilização popular tornou-se muito forte e as formas de luta organizaram-se através das Ligas Camponesas e dos Sindicatos Rurais. E como reflexo, foram duramente reprimidos, com perseguições, prisões e até mortes. Aumentando, assim os níveis de tensão social na Paraíba.

Devido às pressões que se seguiram depois de 1964, o governador Pedro Gondim viu-se sem saída, tendo que assumir uma nova postura frente a estes

³⁷Para falarmos sobre os conflitos rurais existentes durante a instauração do regime militar recorreremos aos apontamentos de CITTADINO, Monique; *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964/1986)*. In: *Estrutura de Poder na Paraíba*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999.

movimentos, cedendo aos desejos dos latifundiários e reprimindo severamente as lutas de classes. Desse modo, as ligas camponesas acabaram por serem consideradas ilegais e aqueles que delas participassem eram perseguidos, levando a alguns até mesmo a fugirem para não perderem as suas vidas.

A partir de 1965, foram organizadas novas eleições para governador na Paraíba, ainda sob o regime direto, sendo esta a última a acontecer até o fim da ditadura militar. Nesta eleição foi consagrada a vitória de João Agripino e Severino Cabral, que fortaleceu a imagem de João Agripino como a liderança política mais forte no Estado depois do ano de 1964. O seu governo permitiu que alguns grupos se perpetuassem no poder, fortalecendo, contudo as antigas práticas coronelísticas que nunca deixaram de existir.

Voltando para o primeiro ano da ditadura militar, segundo Ribeiro (2003) até o mês de junho de 1964, em todo o Brasil trezentas e setenta e oito pessoas perderam o mandato e direitos civis, foram quase dez mil funcionários demitidos. Com base neste autor, devido a pouca importância da cidade de Pocinhos e a proteção de Ruy Carneiro não ocorreram cassações no município. No ano de 1965 o Governo Militar promulga o AI-2 (Ato Institucional nº 2), acabando com todos os partidos, tornando indireta a escolha do presidente e permitindo a este fechar o Congresso quando lhe conviesse e estendendo aos civis os rigores da Justiça Militar.

O ato também previa que só poderia haver dois partidos, um governista, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), e o outro de oposição consentida o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Este não tinha como função contestar o regime, mas ao contrário, o legitimava ao evitar o sistema de partido único, característica de estados totalitários. Aqui na Paraíba Ruy Carneiro ao organizar o MDB paraibano, levou em consideração este “detalhe”, dirigindo o partido quase como uma sub-legenda da ARENA, mantendo afastado qualquer desvio ideológico. O Governo Militar estava posto a toda e qualquer movimentação suspeita e que fosse de encontro ao sistema.

Dessa maneira, em Pocinhos a força da ditadura militar foi sentida de forma mais intensa, quando os antigos partidos UDN e PSD tiveram que migrar os seus adeptos para a ARENA e MDB respectivamente, e obedecer a tudo o que era ordenado pelo Regime Militar, mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, o medo também rondava a cidade. Por sua vez, durante as entrevistas, nada se falou sobre este período, talvez porque o que perpetuava no período era a lei do silêncio e do respeito. Por isto

não temos registro, se durante as décadas em que esteve em vigor a ditadura militar no país, se o Serviço de alto-falantes sofreu alguma forma de perseguição política direta.

Neste mesmo ano em que foi instaurado o AI-2, a cidade de Pocinhos ganhou o Ginásio Municipal Padre Galvão, que posteriormente foi ampliado e transformou-se no Colégio Municipal Padre Galvão, oferecendo a educação necessária, para que, os jovens não precisassem se deslocar até Campina Grande para estudar as séries iniciais.

Ainda nesta década, o preço do agave começou a baixar, assustando a população pocinhense que tinha no produto, a principal fonte de subsistência. Desse momento em diante a situação foi ficando mais crítica, porque o sisal começou a perder o mercado não só para outras fibras naturais, mas também para o nylon, mais barato e resistente. Em outros países, o agave é utilizado desde alimentação e vestuário até a produção de bebidas, entretanto, no Brasil a industrialização da planta restringiu-se à produção de fibras. Dessa maneira, o mercado tornava-se cada vez mais restrito.

No final da década de 1960, Pocinhos contava com uma população de mais de 14 mil habitantes, sendo quatro mil economicamente ativos, destes quatro mil, três mil se dedicavam à agricultura, de onde se nota a fragilidade da economia municipal. Quase todos os agricultores dependiam do agave.³⁸

Frente a este novo quadro econômico do município, as décadas de 1970 e 1980 serão marcadas por um regresso na economia e no desenvolvimento da cidade, mesmo assim ainda serão inaugurados o Mercado Público Municipal e o Hospital e Maternidade Municipal de Pocinhos. Entretanto, para muitos que não conseguiram encontrar outra forma de trabalho, encontraram na migração rumo às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, atraídos pelos empregos industriais que nesta região estavam surgindo, a saída para mudarem de vida.

No nosso próximo capítulo, vamos voltar o nosso olhar, para o surgimento e desenvolvimento do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, dando voz à cidade durante o seu desenvolvimento político e social ao longo destes anos.

³⁸RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral** – Campina Grande: Rg, 2003.

CAPÍTULO II

“A Voz de Pocinhos”: participação e contribuição para o desenvolvimento político e social da cidade.

2.1- O surgimento do Serviço:

Aqui na Paraíba, como em outros estados brasileiros, o rádio nos anos 1950, configurou-se como o meio de comunicação e diversão das camadas populares, bem como das elites, que o utilizavam de diversas formas. Em Campina Grande³⁹ nesta década não existia só uma, mas duas rádios que informavam e divertiam a cidade.

Antes que estas rádios se instalassem na cidade em 1949, Campina Grande já experimentava os primeiros passos na radiodifusão, através do sistema de alto-falantes instalados a partir de 1936, por um senhor que atendia pelo apelido de “Gaúcho”, colocando assim um “ponto final” no silêncio da cidade. Portanto, com a chegada das rádios, os ouvintes adotaram outros hábitos, não precisando mais se deslocar das suas casas, para irem até as ruas, onde os serviços estavam instalados, para ouvir as músicas e as notícias.

Com o rádio, o movimento agora era inverso, ao invés dos ouvintes irem em busca das notícias, e das músicas, eram estas informações que chegavam às residências pelos aparelhos de rádio. Levando dessa forma conforto e comodidade à população, pouco a pouco os serviços de alto-falantes não poderiam mais concorrer com a força das rádios.

Entretanto, em Pocinhos com a chegada de um Serviço de alto-falantes, o cotidiano do distrito transformou-se, os moradores adotaram hábitos diferentes como passear na praça à noite, após a missa, algo aparentemente muito simples, mas que para época, era tido como uma novidade, que transformava as noites de sábado e domingo em momento de lazer e divertimentos para as pessoas, que outrora freqüentavam a missa e depois iam para suas casas.

Mas para, além disto, ele foi utilizado com um veículo de comunicação, presente em momentos importantes da cidade, como nas inaugurações, nos desfiles cívicos, nas

³⁹Para falarmos da experiência do Rádio em Campina Grande, recorremos aos apontamentos feitos por: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org). **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

festas religiosas, nas campanhas sociais, nas disputas eleitorais. Podendo-se afirmar que muitas dessas notícias foram transmitidas por este Serviço após 1951. Entretanto vale ressaltar, que estamos nos referindo a um serviço privado, e desse modo o que era transmitido pelo Serviço de alto-falantes, certamente antes deveria passar pela “análise” do proprietário, ou daqueles que tivessem uma ligação mais direta com “A Voz de Pocinhos”, como alguns políticos. Por isto não podemos afirmar que toda e qualquer informação poderia ou foi noticiada no Serviço e se chegasse a ser transmitida, seguramente o locutor deveria suprimir alguns dados que por hora pudessem prejudicar algum interessado.

Assim, com recursos próprios, o senhor Hermes de Oliveira Rocha adquiriu o equipamento necessário para colocar no ar o Serviço de alto-falantes. Por ser uma pessoa apaixonada por músicas e pelos artistas que na época faziam muito sucesso, como Luiz Gonzaga e Teixeirinha e ainda por incentivo e influência de um irmão que residia em Campina Grande. Ao ver o sucesso dos serviços de alto-falantes e conseqüentemente das rádios campinenses, o motivou a colocar no ar “A Voz de Pocinhos” para animar e informar o distrito em 10 de outubro de 1951.

Entretanto, não foi só este o único intuito do senhor Hermes em colocar o Serviço no ar. Ao ser o proprietário do Serviço, mesmo em dimensões pequenas como era o distrito na época, este logo ganhará destaque no local (mesmo já sendo bastante conhecido no distrito devido a sua profissão de alfaiate), “A Voz de Pocinhos” só reafirmava a sua posição de destaque e que mais a frente será um fator positivo para que não só o senhor Hermes, mas a sua família pudessem conquistar os seus objetivos políticos.

Nós trabalhamos principalmente com as memórias daqueles que vivenciaram tais eventos em torno do Serviço de alto-falantes, e por meio delas, conseguimos encontrar uma possibilidade de trazer para o hoje, o registro da reação vivida em tais acontecimentos.

Segundo Meihy:

“Toda narrativa é sempre inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reeditas carregam diferenças significativas.” (MEIHY, 2005, p. 56)

Portanto, tomemos como referência, as memórias sobre a implantação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, sob a forma, como foi narrada por duas pessoas distintas, o mesmo fato. Podemos concordar com Meihy (2005), que a forma como a narrativa é construída sobre um mesmo fato, obedece a diferenças, que muitas vezes são significantes, a partir do ponto de vista de quem as narra.

Vamos observar o que nos disse a senhora Maria das Neves, esposa do fundador do Serviço e o senhor Antônio Evangelista Guimarães, um ex- locutor do Serviço na década de 1980, sobre a história da fundação da Voz de Pocinhos:

“Ai ele gostava de muito de música de tudo no mundo, ai o irmão dele Antônio Oliveira que morava em Campina Grande (disse): “Porque você não...⁴⁰“ Campina Grande tinha a Voz de Campina, não existia rádio não, em Campina não... era Gaúcho, que era lá de Zé Pinheiro e tinha isso ai...⁴¹ Antônio Oliveira disse: “Oh Hermes por que tu não compra um serviço de alto-falante e põe lá em Pocinhos? Que é tão bom pra animar?” ai botou na cabeça dele mesmo, ai ele não tinha poder aquisitivo pra comprar essas coisas que era muito caro né, ai eu sei que ele comprou a prestação, me lembro até da casa que ele comprou lá em Campina chamava LeC Melo, que vendia eletrônicos.(...)”⁴²

“(...) Pelo que a gente sabe, “A Voz de Pocinhos” funcionava mais ou menos ali onde é a casa de Zé que tira xerox, aquilo era uma casa antiga e ele era alfaiate, então ele casou com Dona Neves que ele era alfaiate de nome!, porque antigamente o povo andava muito... o homem sempre de terno aquilo né, e ele era aquela pessoa alfaiate e criou, acredito também doido por esse tipo, (de trabalho, de comunicação) também tocava na banda macial, era músico, e sempre foi ligado a essa questão de comunicação e montou “A Voz de Pocinhos” a partir dali eu acho, acredito. Desde aquele tempo que ele já é, ele realmente era e foi o criador (da Voz de Pocinhos), e Dona Neves acompanhou, casou-se, casaram-se foi na época do casamento, eles jovens ainda.(...)”⁴³

⁴⁰Neste momento, a entrevistada iria nos falar que o seu cunhado tentou fazer com que o seu marido colocasse um serviço de alto-falantes em Pocinhos. Mas, no meio do seu relato ela interrompe para falar que em Campina Grande, havia um Serviço de alto-falantes chamado A Voz de Campina, mais a frente ela retoma esta fala que foi interrompida, por este motivo usamos as reticências.

⁴¹A entrevistada neste momento aponta para os equipamentos do Serviço, mostrando que o senhor Gaúcho possuía um serviço assim, ao recordar o nome o nome do senhor Gaúcho.

⁴²Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011. A entrevistada era esposa do dono do Serviço de alto-falantes, o senhor Hermes de Oliveira Rocha.

⁴³Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011. O entrevistado tem 51 anos, e na década de 1980 participou do Serviço sendo um locutor de um programa dominical.

A memória trabalha para exhibir a verdade, utilizando para tanto os vestígios da memória individual e da memória coletiva, por meio disto, na construção destes dois relatos podemos verificar isto, quando para construírem suas falas, os depoentes evocam as memórias de outras pessoas para certificar, que aquilo que proferem é verídico. A senhora Maria das Neves, remete a uma personagem e a sua fala, para demonstrar de onde teria surgido o desejo de se criar o Serviço em Pocinhos, apontando para tanto, outro contexto, que se aproximava do que se queria para a cidade de Pocinhos. Já no relato do nosso segundo entrevistado, este fala da origem do Serviço, mas não tendo como ponto de partida as suas lembranças, mas “do que a gente sabe” envolvendo outras memórias para construir as suas.

Vejamos que o relato da nossa primeira entrevistada, não estabelece uma sincronia, algo bastante comum na história oral, já que o relato oral não consegue se estabelecer enquanto uma metodologia, que apresenta as normas e limites fixos. Porque se assim fizesse não seria uma memória e sim história. A depoente ao relatar suas vivências, as narra como forma de revelar aquilo que considera ser mais importante, para justificar a sua fala, fazendo para tanto uma seleção para o que é ou não permitido revelar no momento da entrevista. Então, dessa forma, ela por vezes, remeteu a fatos que segundo sua concepção, eram importantes demonstrar.

Ao falar do Serviço, ela inicia o seu relato lembrando-se do gosto que o seu marido tinha pela música, fala que seu cunhado incentivou o seu esposo a ter um serviço de alto-falantes, contudo ela poderia se desejasse, ter finalizado neste momento, a sua fala. Mas, ao contrário ela abre um “parêntese” no seu relato e fala da experiência radiofônica em Campina Grande, e como esta influenciou na experiência do então distrito. A nosso ver, pelo sucesso que os serviços de alto-falantes obtiveram em Campina Grande e que as rádios deram continuidade, se estes não tivessem tido este “contato”, possivelmente, tanto o seu cunhado que incentivou a compra, como o seu esposo que comprou o equipamento, não teriam sentido a mesma, ou senão, a motivação de formar um Serviço de alto-falantes no distrito.

Entretanto, o que as pessoas nos falam são resíduos da ação e não a ação propriamente dita. Por isto, ao longo da sua fala, a entrevistada, tenta demonstrar aquilo que realmente foi bom, contudo ela não procura aprofundar os conflitos que possivelmente devem ter existido para que, o seu esposo comprasse o equipamento, como as questões de ordem financeira da família. Por exemplo, podemos perceber algo durante a sua fala, quando ela nos revela, que o equipamento foi comprado a

“prestação”, mostrando que a família não possuía um poder aquisitivo tão grande e que os equipamentos não eram baratos.

Ao analisarmos o relato do nosso segundo entrevistado, observamos que sua narrativa ao ser construída, precisou remeter à memória coletiva, ao que diziam as pessoas sobre a instalação do Serviço e sobre a vida do senhor Hermes e família, para que assim, este pudesse fazer as suas afirmações. Na primeira fala, a senhora Maria das Neves fala do fator econômico, da influência do irmão do marido, para a compra do equipamento, e a paixão pela música. O segundo relato, o do senhor João Evangelista Guimarães, não só veio confirmar, complementando a fala da esposa do fundador, como trouxe informações adicionais que não foram ditas no primeiro relato, e que nos fornecem alguns indícios sobre a vida do senhor Hermes, como a profissão exercida por ele, a de alfaiate.

Desse modo, buscamos aqui relacionar de modo claro aquilo que Montenegro (1992) vai chamar de “memória múltipla”, da existência de várias memórias em torno de uma única história. Cada qual, conforme a proximidade com este objeto buscou revelar aquilo que era mais interessante a ser apontado. Portanto, sabemos que se fôssemos entrevistar uma terceira pessoa, esta nos apontaria uma nova narrativa em torno deste mesmo objeto.

Conforme o nosso entrevistado afirmou anteriormente, antes de comprar os aparelhos necessários a implantação da “Voz de Pocinhos”, o senhor Hermes de Oliveira Rocha era alfaiate no distrito e era bastante conhecido pelo fato de ser o único no local a exercer esta profissão, ele era muito exigente no trabalho que realizava, costurava muito bem e nas horas livres também era integrante da Filarmônica São José onde tocava trompa. Assim relembra a senhora Maria das Neves:

“Hermes era muito conhecido ele era alfaiate, fazia ternos pra todo mundo, até pra mim ele costurou, um vestido com um casaquinho (risos). Ele era muito exigente, costurava muito bem era como a mãe. (...)”⁴⁴

⁴⁴Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.



Imagem 4- (acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha), nesta fotografia, mostra o casal bem jovem, trabalhando na confecção dos ternos, atividade que ele não abandonou depois que A Voz de Pocinhos entrou no ar.

Nesta fotografia, onde está presente o casal, é a oficina onde o senhor Hermes trabalhava e a sua esposa Maria das Neves o auxiliava, possivelmente esta fotografia deve ter sido encomendada, para se mostrar o ofício exercido, profissão de destaque, motivo de orgulho, para o mesmo. Segundo o senhor João Evangelista Guimarães “ele era alfaiate de nome!”, e com isto era bastante procurado para realizar o trabalho, sendo muito respeitado por isto.

A chegada do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, como meio de comunicação para a localidade, mesmo sendo de propriedade privada, mostra que Pocinhos estava em sintonia com os meios de comunicações externos, tanto é que o nome da difusora é uma alusão ao nome do serviço de alto-falantes A Voz de Campina Grande que foi implantada pelo senhor Hilton Mota em 1949, mas que pouco durou devido à chegada das rádios campinenses neste mesmo ano. Bem como todo o modelo de programação que vai ser adotado pela então difusora, será basicamente uma cópia dos programas que eram realizados pelas rádios campinenses.

Sobre isto remetemos aos apontamentos de Briggs (2004), ao afirmar que os meios de comunicação “podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se completar. As mudanças no sistema de mídia precisam ser também relacionadas a alterações no sistema de transporte, o movimento de mercadorias e pessoas.” (BRIGGS, 2004, p.33) A localidade, em 1951, demonstrava que estava passando por mudanças, a economia estava melhor, a circulação de pessoas era mais intensa, o distrito aos poucos

se expandia e a implantação do Serviço de alto-falantes em Pocinhos, mostrava que os hábitos e costumes das população também estavam em transformação e que estes estavam se adaptando as novidades que estavam surgindo, advindos das mudanças pelas quais passava o distrito.

Sobre o dia da inauguração do Serviço, não foi feito nenhum registro daquele momento que pudéssemos hoje observar e analisar, quer fosse uma fotografia ou um documento escrito. Para começar a funcionar, não foi feita nenhuma documentação legal, só alguns anos depois “A Voz de Pocinhos” precisou ser registrada em Brasília para todo mês pagar uma taxa, para assim, poder tocar os discos dos cantores da época⁴⁵.

Por sua vez, há um fato que marcou a memória da senhora Maria das Neves, no dia da inauguração e que hoje, após sessenta anos de existência ela ainda relembra com grande felicidade, qual foi à primeira música, um xote, que foi tocada pelo Serviço, Moreninha, Moreninha de Luiz Gonzaga⁴⁶, conforme letra abaixo:

*Moreninha, moreninha, lá no céu teu luar
Lá no alto, uma casinha
E bem perto, eu tenho o mar
Morena, Morena, tenho o céu, a terra e o mar
Só falta o carinho
Que você não quer me dar!
Moreninha, moreninha, teu desprezo me maltrata
Seu olhar é minha vida
Seu olhar é que me mata
Morena, morena
Tome a terra o céu e o mar
Só quero o carinho que você não quer me dar!*⁴⁷

Podemos confirmar isto, por meio do relato que nos foi concedido pela senhora Maria das Neves, ao falar deste dia, ela remete aos seus discos que foram perdidos em

⁴⁵Estas informações nos foram dadas pelo senhor Gilvan José da Silva, em entrevista no dia: 09/08/2011. O entrevistado era o encarregado de pagar em Campina Grande o ECADE, que era um valor mensal a ser pago a Empresa de Cobrança de Direitos Autorais, correspondente ao Serviço de alto-falantes A Voz de Pocinhos, para que deste modo, fossem tocadas as músicas.

⁴⁶Este é um detalhe sempre lembrado pela senhora Maria das Neves, em entrevistas e conversas que remetam ao dia da inauguração do Serviço.

⁴⁷Letra de Hervé Cordovil e Luiz Gonzaga. Fonte: www.letradamusica.net/luiz-gonzaga/moreninha-moreninha.html. Acesso em: 20/10/2011.

um incêndio, em um quarto da sua residência, e que depois ela foi tentando recuperá-los e que até hoje fazem parte do Serviço de alto-falantes.

O interessante que ao ser perguntada se a mesma, lembrava de algo que havia marcado aquele dia, o primeiro fato que ela recordou foi da música, conforme nos disse: “(...) A primeira gravação que passou aqui na difusora foi de Luiz Gonzaga, eu tava até procurando na discoteca o disco dele, a primeira música que tocou foi moreninha, moreninha!(...)”⁴⁸, possivelmente esta música foi escolhida na época, por que se tratava de um cantor que o casal gostava muito e por este cantar músicas que se aproximavam muito do cotidiano do distrito⁴⁹. Acreditamos que esta inauguração tenha ocorrido na noite do dia 10 de outubro de 1951, porque em Pocinhos não havia um fornecimento adequado de energia elétrica, sendo oferecido somente algumas horas durante a noite.

Passado este momento, seria o Serviço de alto-falantes, o responsável pela divulgação e retransmissão de notícias, animação da cidade, como um serviço de utilidade pública e tantos outros trabalhos que foram desenvolvidos de ordem social. Buscando atender a todos aqueles que em algum momento, de uma forma ou de outra, precisaram do serviço de comunicação. Tudo isto nos leva a perceber que, a partir deste ano de 1951, a própria história do Serviço estaria atrelada à história da cidade e que por vezes, as duas se misturavam formando uma só, sendo praticamente impossível ao falar de uma não e ter que remeter à outra.

Para falarmos do desenvolvimento da cidade de Pocinhos, seja ele político, social, econômico ou cultural teremos que passar necessariamente pela história do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Conforme nos disse o senhor João Evangelista: “a história da Voz de Pocinhos está para a cidade e a cidade está para a Voz de Pocinhos, né assim?”⁵⁰ Por meio deste relato, somos levados a refletir sobre isto, que em muitos momentos a história de ambas, estas por vezes, estiveram entrelaçadas, não podendo assim falar de uma, sem que logo houvesse uma referência à outra.

⁴⁸Entrevista concedida à autora no dia 21/09/11.

⁴⁹Nos anos de 1950, Luiz Gonzaga estava despontando a sua carreira e estava fazendo muito sucesso com suas músicas, durante muitos anos ele foi considerado como um símbolo do que se tem de melhor na música nordestina. Ele cantava estilo de músicas que até então eram pouco conhecidos como o xote, o baião e o xaxado, gravou durante a sua carreira em torno de 56 discos e compôs mais de 500 músicas. Além de cantar tocava sanfona, zabumba e triângulo o que era presença marcante nas suas apresentações.

⁵⁰Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

Deste modo, ao longo das entrevistas que realizamos para a elaboração deste trabalho era bastante comum, os entrevistados afirmarem, assim como o Sr. Gilvan, que “(...) ela⁵¹ teve uma grande valia, uma grande importância para nossa cidade e para a história de Pocinhos né (...)”⁵². E para aqueles que na cidade residiram e ainda residem sabem muito bem que o trabalho do Serviço de alto-falantes foi voltado para levar a informação aos ouvintes, sobre o que estava acontecendo na cidade ou fora dela, sendo muito importante a sua participação nas transmissões em momento relevantes para o município, a começar pela notícia de sua emancipação política.

2.2 - “Uma cidade sem difusora a gente não sabe de nada.”⁵³: A utilização da “Voz de Pocinhos” para levar informações à coletividade.⁵⁴

Após a inauguração do Serviço de alto-falantes em outubro de 1951, o Serviço era utilizado basicamente para reproduzir músicas e divulgar notícias, durante a noite entre às 18:00 horas e às 23:00 horas, já que o fornecimento de energia era feito por um motor à diesel. Por este fator, o senhor Hermes teria comprado um pequeno gerador para, assim poder ligar o Serviço na hora que desejasse e não só durante as noites⁵⁵. Com um gerador privado em qualquer hora do dia ou da noite, podiam-se ouvir as canções de Luiz Gonzaga ou informações de interesse da população, como achados e perdidos, bem como noticiar fatos mais relevantes.

⁵¹ Aqui o entrevistado fez referência à importância da difusora para a cidade de Pocinhos.

⁵² Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011. O entrevistado tem 45 anos, e foi um ex-animador do Serviço de alto-falantes, quando eram realizados gincanas e festivais de prêmios organizados pelo Serviço.

⁵³ Frase pronunciada pela senhora Maria de Lurdes Araújo Santos, 62 anos, moradora da cidade em entrevista a TV Correio no dia 05/08/2011 para o programa Correio Espetacular em reportagem sobre os 60 anos de fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

⁵⁴ Coletividade é um termo bastante utilizado pelos locutores quando o Serviço é colocado no ar. Por sua vez, a utilização desta palavra faz com que levantemos algumas indagações: será que realmente o Serviço atendia a toda “coletividade”? Acreditamos que mesmo que a intenção fosse esta, isto na realidade não acontecia já que muitas vezes o interesse do particular não corresponde ao interesse do coletivo e vice-versa. Sempre há um jogo de interesses que motiva as ações e atitudes da parte que tem maior interesse e que transmitia as informações, neste caso o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

⁵⁵ Informações concedidas à autora, pela senhora Maria das Neves em entrevista no dia 21/09/2011.

Contudo, há uma notícia que passados seus 58 anos, ainda é relembrada com grande felicidade pela senhora Maria das Neves, como tendo sido a notícia mais importante já dada pela “A Voz de Pocinhos”, a da emancipação política da cidade.

Sobre este momento importante para a cidade nos fala a nossa entrevistada:

“(...). Aí Padre Galvão começou a lutar pela emancipação de Pocinhos, o prefeito da época era Plínio Lemos de Campina Grande e não queria perder Pocinhos, Pocinhos rendia muito imposto, não existia esse negócio de município que é aberto, não tinha isso não, minha filha aí Padre Galvão começou a lutar, lutar, Pocinhos tinha uma venda de gado muito boa (...). Aí ele telegrafou pra Antônio Afonso meu tio, aí quando chegou lá: “foi assinado agora mesmo à emancipação política de Pocinhos e tá aqui o telegrama pra você ver! Liga a difusora!” aí ligamos a difusora foi a nota melhor que eu dei! (risos) aí o sino bateu, o povo foi pra cidade, fizemos uma passeata aqui na rua rodando, gritando e fomos receber Padre Galvão quando [ele] chegou fez festa.(...)”⁵⁶

Conforme nos disse a senhora Maria das Neves, a luta pela emancipação de Pocinhos foi liderada pelo então vigário da paróquia Padre José Augusto da Silva Galvão, mais conhecido por “Padre Galvão”. Há uma recorrência em querer criar um mito em torno da figura deste vigário, e isto é bastante forte nas falas da nossa entrevistada, algo comum, já que a nossa entrevistada mantinha uma relação de amizade bastante próxima com este padre. Por este fator há bastante ênfase da parte da nossa entrevistada a atribuir que foi o Padre Galvão que “lutou” pela emancipação de Pocinhos. O desejo de ver Pocinhos emancipada, não surgiu do nada, haviam bastantes interesses políticos e econômicos que motivaram Padre Galvão a sair à “luta” para conquistar esse feito. Possivelmente outras pessoas, como os pequenos proprietários do local também tinham interesse em ver Pocinhos emancipada, e assim como o vigário, tinham visões políticas e econômicas, que sem a emancipação política não poderiam ter sido colocadas em prática.

Como podemos ver, Pocinhos rendia bons impostos à Campina Grande, com a venda de gado⁵⁷, e ao emancipá-la, a cidade-sede logo iria perder esta parcela de

⁵⁶Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011, a entrevistada foi esposa do fundador do Serviço e foi ela a pessoa encarregada de anunciar a emancipação política à população no dia 10 de dezembro de 1953.

⁵⁷Neste período, existiam vários rebanhos de gado, espalhados pelo distrito de Pocinhos, mas de propriedade dos moradores de Puxinanã, como estes rebanhos estavam instalados no distrito de Pocinhos, a venda do gado gerava altos impostos a este distrito, para a cidade-sede que era Campina Grande.

contribuição, por isto houve relutância por parte do então prefeito de Campina Grande Plínio Lemos para “concordar” com a emancipação do distrito Joffily, que logo então voltaria a se chamar Pocinhos oficialmente.⁵⁸ Após a emancipação política Pocinhos tem como distrito Puxinanã.

Nesse contexto, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” é utilizado como meio de comunicação para anunciar à população, a sua notícia mais importante, a da sua emancipação política. Ao lembrar do dia 10 de dezembro de 1953, a senhora Maria das Neves nos revela com muita alegria, que esta foi a melhor notícia que já deu na sua vida e que ao noticiar este fato, a população celebrou com muito entusiasmo o feito, e ao escutarem a notícia se reuniram na rua e fizeram passeata e muita festa. “Porque ser liberto é muito bom!”⁵⁹

Ao pensarmos nesse dia, e como a senhora Maria das Neves nos relatou as emoções que essa notícia despertaram na população, sem a utilização do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, não teria ocorrido a comunicação do modo que aconteceu, e de modo tão ágil, a população foi convocada para se fazer presente na rua e assim comemorar a emancipação. Sem ele, possivelmente a população iria receber de forma mais lenta a notícia e de diferentes formas, anunciadas por diversas pessoas em diferentes tempos, chegando-se até mesmo a levantar questionamentos a respeito da veracidade da notícia, mas como foi noticiado pela “A Voz de Pocinhos”, e pela credibilidade que a mesma possuía, e por estar com o telegrama em mãos, a notícia foi aceita de imediato pelos moradores.

Esta notícia poderia não ter sido dividida com toda a população da forma que foi, já que se quisessem a “sociedade” letrada ao receber a notícia teria dividido entre si e comemorado da forma que desejasse e o restante da população só saberia posteriormente. Mas ao ser divulgado na “Voz de Pocinhos” atingiu a todos sem distinção de cor, idade ou classe social. Pensamos assim como Briggs, que percebeu que

⁵⁸Estas informações reveladas pela senhora Maria das Neves, sobre a emancipação política foram confirmadas pela síntese da história política do município disponível no site mantido pela Prefeitura Municipal de Pocinhos disponível em: www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php. Acesso em: 09/11/2011. E por: RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**. – Campina Grande: Rg, 2003.

⁵⁹Frase pronunciada pela senhora Maria das Neves em entrevista ao programa Correio Espetacular de 05/08/2011, da TV Correio sobre os 60 anos de fundação do Serviço, quando perguntada sobre a notícia da emancipação política da cidade. Uma liberdade aparente já que Pocinhos ainda continuou mantendo relações econômicas com a cidade de Campina Grande.

“(...) o rádio alcançou toda a população, mesmo nos lugares mais remotos, e de modo diferente de outras mídias como a imprensa e o cinema.” (BRIGGS, 2004, p.234) ⁶⁰.

Para nosso caso, seria o trabalho realizado pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que conseguiu atingir até as pessoas que moravam mais distantes do centro da cidade. Mesmo que, muitas pessoas não tenham considerado esta notícia tão importante, ao ouvirem “A Voz de Pocinhos”, talvez isto nem tenha modificado as suas vidas, como a daqueles trabalhadores das usinas de sisal que continuaram a viver da mesma forma. Os benefícios que esta emancipação trouxera, inicialmente só podem ser sentidos pelas pessoas que faziam parte da “elite” e que só tinha atendido a interesse das pessoas desta classe, não se pode negar que em termos de comunicação, a notícia foi recepcionada da mesma forma e no mesmo momento por toda a população.

Por meio da voz do locutor, o ouvinte entra em contato com a informação sem precisar da presença física, como ocorre com os outros meios de comunicação para estar informados⁶¹. Contudo, não é só a notícia que chega ao ouvinte, mas também diferentes emoções podem ser despertadas, por meio da entonação da voz utilizada pelo locutor ao anunciar a informação. Agora voltemos ao momento que a senhora Maria das Neves, informou ao distrito a sua emancipação, pela forma que deve ter proferido as notícias que estavam telegrafadas naquela folha de papel, e pela forma que ainda hoje fala com grande entusiasmo, acreditamos que com bastante felicidade e motivação ela leu aquelas linhas que afirmavam que Pocinhos, conquistara a sua independência.

A população ao ouvir estas palavras, espalhada em diferentes pontos do distrito, sentiu-se motivada, mesmo que não entendesse, o que a emancipação representava para o distrito, mas saiu às ruas para celebrar aquele momento tão relevante para Pocinhos. Sensações e sentimentos, que não teriam sido sentidos da mesma forma, se tivessem sido retransmitidos da mesma forma que estava escrito, a voz tem esse poder de transmitir as emoções daquele que as pronuncia.

⁶⁰BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*/ Asa Briggs e Peter Burke; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Neste trabalho os autores fazem um trabalho acerca da evolução dos meios de comunicação, bem como os impactos que cada sociedade sofreu ao recepcionar cada um destes meios de comunicação.

⁶¹Sobre estas informações recorremos aos apontamentos de SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org). *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande*. EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006. Em que o autor, (do primeiro capítulo) discute o uso do rádio em Campina Grande, onde afirma a idéia, na qual também concordamos que “o rádio talvez tenha sido o mais democrático aparelho de comunicação de massa já colocados à disposição do ser humano, pois independente da configuração ideológica que pudesse ter as suas informações, ele atingia a ricos e pobres indistintamente, ajudando cada um a elaborar ou reelaborar as informações ali veiculadas.” (pg. 24)

2.3 – O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e seu papel na política local: Campanhas, pronunciamentos, programas políticos e inaugurações.

Em Pocinhos, o Serviço de alto-falantes não foi utilizado somente para a reprodução de músicas e informes em geral, serviu também para fins políticos. No Serviço de alto-falantes, os políticos encontraram os subsídios para conquistar eleitores durante as campanhas políticas e para depois de eleitos divulgarem as obras que estavam realizando enquanto estavam no poder.

Não existia na cidade, outro serviço de som que fosse utilizado nas campanhas eleitorais e como a cidade crescia em números de habitantes, qualquer reunião em torno de um candidato, atraía atenção de diversas pessoas, como nos confirma o senhor Antônio Andrade Fernandes: “(...) Puxinanã pertencia a Pocinhos né? Então eles faziam os comícios era muita gente (...)”⁶². Já não sendo mais possível, a comunicação por meio da voz, sem que houvesse a ajuda de um equipamento eletrônico, dessa forma o Serviço começou a ser utilizado.

Nesta época, só existiam dois alto-falantes, instalados em cima da casa do casal, mas mesmo sendo poucos, a cidade inteira escutava por ser pequena. Com o passar dos anos, com o surgimento de novos bairros e com o aumento da população, foram sendo instalados alto-falantes em diversos pontos da cidade, para que assim todos pudessem ouvir as informações.⁶³

Dessa maneira, as campanhas políticas que foram organizadas a partir de 1955⁶⁴, em que concorreram ao cargo de Prefeito de Pocinhos, Padre Galvão e Ottoni Barreto (produtor de agave em Pocinhos), e as que se seguiram, foram realizadas com a divulgação da “Voz de Pocinhos”, até quando começaram a surgir os chamados “carros de som”, mas antes vejamos como eram feitas as campanhas políticas em Pocinhos:

⁶²Entrevista concedida à autora em 26/08/2011. O Entrevistado é um senhor de 65 anos e começou a trabalhar no Serviço de alto-falantes ainda adolescente.

⁶³Esta informação nos foi concedida pelo senhor João Antônio Alexandrino, 54 anos, em entrevista no dia 1º/09/2011.

⁶⁴A primeira eleição realizada em Pocinhos se deu em 03/10/1955, em que foi eleito o conhecido Padre Galvão com posse em 30/11/1955, dia que também foi instalada a primeira câmara de vereadores do município. Antes porem, em 1953, quando o distrito foi emancipado, designou-se um prefeito provisório até que se realizassem as eleições municipais.

“(...) política mulher, os candidatos eu recorde, naquela casa que mora Olga era... botava o palanque na frente e o candidato falava, falava e o outro sentado na minha cozinha a casa era bem comprida, ficava esperando que o outro saísse pra ele poder vim [falar] (...)”⁶⁵

Podemos perceber que as relações do candidato para com o eleitor, como o Serviço de alto-falantes começavam a se alterar. Anteriormente discutimos neste trabalho que as práticas coronelísticas nunca deixaram de existir, mas que apresentavam novas configurações, a exemplo das disputas partidárias que se beneficiavam destas antigas (se não atuais) práticas para se manterem no poder. As conversas que eram feitas individualmente, começaram a ser diferentes, agora era utilizado o Serviço para convencer um maior número de eleitores em um menor tempo, os políticos encontraram na “Voz de Pocinhos” uma forte aliada para conseguir seus ideais.

Neste relato, percebemos que durante as campanhas políticas realizadas de frente à “Voz de Pocinhos”, os candidatos praticamente realizavam seus discursos na mesma hora, para tentar conquistar a opinião daqueles eleitores que estivessem indecisos. Assim, aquele candidato que fosse ofendido pelo seu opositor, poderia ter a oportunidade de discursar logo em seguida.

O papel do Serviço de alto-falantes, durante as campanhas, segundo a senhora Maria das Neves era de ser imparcial, o que durante a sua fala ela tenta demonstrar dizendo, que enquanto um discursava, o outro aguardava na cozinha da sua casa para proferir suas palavras. Confirmando que tratava de modo igual, qualquer um dos candidatos, contudo bem sabemos, que por mais que a intenção fosse esta, sempre haveria um ou outro partido, ou candidato, que era do agrado da senhora Maria das Neves e do senhor Hermes, mesmo que não demonstrassem, havia sim aquele que era da sua simpatia, afinal de contas eles também eram leitores.

E assim, sempre que era anunciado no Serviço que algum político ia falar para a população, fosse ele o prefeito ou vereador, a população se fazia presente à frente ao Serviço para ouvir aquilo que a autoridade desejava comunicar à comunidade, como nos disse o senhor João Antônio Alexandrino: “(...) daqui a pouco tem Padre Galvão aqui na “Voz de Pocinhos”! o povo de Nova Brasília descia rápido e pronto! (...)”⁶⁶ Vemos

⁶⁵Estas informações nos foram concedida pela senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, de 81 anos, no dia 21/09/2011.

⁶⁶Entrevista concedida à autora no dia 1º/09/2011. O entrevistado era um ex-locutor da década de 1970 do Serviço de alto-falantes, e morador da cidade, o seu programa era realizado nas noites de domingo e era destinado ao público jovem, do qual iremos falar melhor, no terceiro capítulo que compõe este trabalho.

como a soma da força política e a divulgação do Serviço de alto-falantes, conseguia fazer com que as pessoas atendessem as convocações. Por sua vez, para aqueles que não podiam estar presentes na hora do comunicado, isto não era um problema, já que se podia ouvir do local que estava o que era dito aos microfones e retransmitidos pelos alto-falantes a toda a cidade.

Um dos políticos que mais utilizaram o Serviço de alto-falantes, se apropriando deste para fazer seus comunicados, foi o conhecido Padre Galvão, por ser muito amigo tanto da senhora Maria das Neves e o senhor Hermes, era freqüente a procura deste pelo Serviço. Entretanto, segundo a senhora Maria das Neves, só nos primeiros anos que se cobravam algumas taxas para que os políticos e as pessoas utilizassem o Serviço, para que assim fosse pago os equipamentos que foram comprados à prestação como o serviço de som e o gerador de energia particular. Mas ao terminar as prestações, não foi mais cobrado nenhum valor para que se utilizasse o Serviço.

Sobre o uso que os políticos, mais precisamente Padre Galvão, faziam do Serviço para fazerem seus pronunciamentos, comentou o senhor João Evangelista Guimarães:

“(...) e na realidade Padre Galvão teve influência muito forte assim com Dona Neves, na “Voz de Pocinhos” no sentido, que tudo era anunciado por ali, todas as decisões, todos os pronunciamentos dele (pausa) com certeza tudo passou pela “A Voz de Pocinhos”. (...)”⁶⁷.

Portanto, pode ser que outros políticos, durante os seus mandatos também tenham usado o Serviço de alto-falantes freqüentemente para falar à população, mas nas memórias das pessoas, a presença predominante, sem dúvida alguma, foi a do Padre Galvão, por ter sido um político, e antes disso padre, e por este fator era bastante conhecido e popular na cidade.

Dessa forma, muitos dos programas que eram realizados na “Voz de Pocinhos”, tinham como cópia os programas das rádios campinenses. Em termos de programas políticos em Campina Grande, muitos prefeitos utilizaram os microfones das rádios para divulgarem seus ideais. Como exemplo, temos no ano de 1964, o prefeito João Jerônimo da Costa que permaneceu à frente da prefeitura de Campina Grande por apenas 100 dias, mas ainda neste breve período ele criou o programa radiofônico “Pergunte ao

⁶⁷Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

João”, como forma de trazer a participação popular para a sua administração. Na cidade de Pocinhos foi criado por um vereador o programa “O povo pergunta e Gaúdio responde”, pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, como nos disse o senhor João Evangelista Guimarães:

“(...) olhe, teve uma época na política, por exemplo, Gaúdio tinha um programa ele era vereador, e ele criou um programa é... O Povo Pergunta e Gaúdio Responde programa altamente polêmico inclusive porque o povo metia o cassete no, no...⁶⁸ criticava mesmo, pedia ajuda ou elogiava também ele era aquele porta-voz do povo teve. Esse momento importante era feito por ele através da “Voz de Pocinhos”. (...)”⁶⁹

Segundo as informações que o nosso entrevistado apresentou, percebemos que este era o momento encontrado pela população para expor a sua opinião, sobre a administração pública fosse ela positiva ou negativa. Não tivemos como saber como era a dinâmica deste programa, se era apresentado só por este vereador, ou se contava com a participação de mais pessoas. Por este relato, percebemos que a população aparenta ter um espaço durante o programa para participar, não sabemos se por meio de cartas ou falando aos microfones “ao vivo”.

Entretanto, podemos entender que essa participação popular, poderia ser uma ilusão ou fachada que era utilizada pelos políticos que usavam os microfones da “Voz de Pocinhos”, para fazerem estes programas para assim dizerem que havia uma “participação popular”. Pode ser que até mesmo houvesse essas participações, mas com um tempo bastante resumido, bem diferente das “autoridades” que disponibilizavam de um tempo bem maior para, questionar ou se defender da pergunta feita pelo eleitor.

É importante acrescentarmos que em Pocinhos como em Campina Grande que muitos locutores dos serviços de alto-falantes e posteriormente das rádios, entraram na vida política, pelos seus trabalhos e pela popularidade acabava por conquistar muitos votos juntos a população⁷⁰. O senhor Hermes foi vereador, por um mandato na década

⁶⁸Neste momento o entrevistado faz um gesto para o alto, mostrando que seria uma pessoa bastante importante e que ocupasse um cargo alto, acreditamos que ele quis dizer que era o prefeito.

⁶⁹Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

⁷⁰Sobre a entrada dos locutores na política campinense, ver mais em: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org). **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006. Mais precisamente no segundo capítulo, onde a autora faz um estudo sobre rádio e política em Campina Grande.

de 1960 chegando a ser o presidente da Câmara durante seu período. Depois foi à vez da senhora Maria das Neves, ser vereadora por dois mandatos, entre as décadas de 1990 e os anos 2000. O filho mais velho do casal Hermes de Oliveira Filho, chegou a ser prefeito entre os anos de 1996 e 2000 e atualmente outro filho conhecido pelo apelido de Bozó é vereador na cidade. Como podemos notar a família Oliveira sempre esteve presente na política da cidade, e por serem os proprietários do Serviço de alto-falantes, não teriam como assumir uma posição de imparcialidade, como a senhora Maria das Neves nos disse, quando recordava das campanhas políticas que eram realizadas na “Voz de Pocinhos”. A política estava presente na vida da família, sendo praticamente impossível dissociar este fator do que era anunciado na “Voz de Pocinhos”.

Perguntamos em entrevista à senhora Maria das Neves, se o trabalho que a família realizava junto à população com o Serviço de alto-falantes teria contribuído de algum modo para que a família se tornasse conhecida e conquistasse a aceitação dos eleitores, segundo ela: “Eu acho que sim. Mas eu não me dou com isso não, eu gostei sabe de ter conhecido e é bom que a gente conheça! (...)”⁷¹ Aqui ela diz que não gostou da experiência, mas que foi bom saber como são organizadas as leis do município, em uma cidade de pequeno porte, como é o caso desta cidade, na qual está localizado o nosso objeto de estudo, as tramas políticas são mais intensificadas, apresentando pontos convergentes, entre aqueles que fazem parte do governo que está na situação e os que fazem parte da oposição.

Não podemos dizer que a política na cidade de Pocinhos se deu da mesma forma no decorrer dos anos, muitas vezes, ela foi transformada, atendendo aos interesses, de um ou outro grupo, que estava no poder. A família Oliveira, esteve envolvida na política em diferentes períodos, em que diferentes situações estavam acontecendo, de ordem econômica, cultural e social na cidade. Quanto ao Serviço de alto-falantes ter contribuído, para que a família fosse eleita para diferentes cargos durante a história política da cidade, entendemos que ela ofereceu um fator positivo para a família, devido aos trabalhos sociais realizados e pelos demais trabalhos realizados de comunicação, mas não foi o que determinou o êxito nas campanhas que estavam concorrendo aos cargos, existiram outros fatores que contribuíram também além deste, como as alianças políticas.

⁷¹Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

Após a emancipação política e com as novas administrações, Pocinhos foi aos poucos ganhando novas instalações destinadas à população como o colégio municipal, o hospital público, o mercado municipal para retirar a feira do centro da cidade, entre outros. Tais momentos foram transmitidos pela “A Voz de Pocinhos”, que estava presente em momentos significativos para o município

Quando o evento não podia ser transmitido dos estúdios da “Voz de Pocinhos”, o serviço de som era levado para o local, já que dependendo da época, ainda não se tinha outro serviço disponível na cidade, ou ainda poderia acontecer do evento ser gravado e depois ser reproduzido pela “A Voz de Pocinhos”. Assim, a população de qualquer modo estaria informada do que se passava na cidade, fosse no momento que ocorresse a notícia ou logo após.

Observemos a fotografia abaixo, ela foi feita durante uma destas inaugurações que ocorreram na cidade.



Imagem 5- (Acervo da senhora Maria das Neves), dia da inauguração do Hospital e Maternidade Dr. Antônio Coutinho, em Pocinhos.

Esta fotografia foi feita no dia da inauguração do Hospital e Maternidade Dr. Antonio Coutinho, não podemos visualizar na placa que está colocada do lado direito da fotografia, a data com precisão, por existirem três pessoas na frente da mesma, podemos

só visualizar o ano que era o de 1973. Estas três pessoas que estão do lado direito, à frente da placa, dois homens e uma mulher, não foram reconhecidos pela senhora Maria das Neves, como também as quatro crianças que estão mais abaixo da fotografia que aparentam estar ali, possivelmente na companhia dos pais que foram assistir a inauguração do hospital. Pelo ângulo que esta fotografia foi feita, o fotógrafo queria registrar a figura do prefeito que estava fazendo seu discurso, o senhor José Alves do Nascimento, como podemos ver escrito na placa.

Contudo, o que queremos mostrar nesta fotografia é a figura da senhora Maria das Neves, comprovando que o Serviço esteve presente neste momento político da cidade, ao lado do prefeito da época, em uma posição de destaque, e ele fazendo o seu discurso com a ajuda dos equipamentos da “Voz de Pocinhos”. Podemos dizer que a senhora Maria das Neves poderia ser considerada como uma “mestra de cerimônias”, ao estar ali ao lado do prefeito, tudo indica que após o término do seu discurso, ela estaria pronta para dar continuidade à cerimônia.

A marca registrada da “Voz de Pocinhos” eram as locuções realizadas pela senhora Maria das Neves, o senhor Hermes também realizava locuções, porém quando as ocasiões exigiam uma locução mais formal, em que era necessário um tom mais culto, como inaugurações, desfiles cívicos e apresentações de shows de calouros,⁷² o senhor Hermes encarregava a sua esposa para falar aos microfones. Ele preferia fazer as locuções quando o momento não era tão formal, como os leilões de aves nas festas da padroeira, nas disputas conhecidas como argolinhas, entre outros, que no nosso próximo capítulo iremos expor melhor.

Por isto vemos a presença da senhora Maria das Neves, nesta fotografia na inauguração do hospital, como podemos nos perguntar por que não vemos o senhor Hermes nesta fotografia, será que não estaria presente neste momento? Estava lá sim, porque quando não estava à frente dos microfones, estava administrando o serviço de som para que tudo fosse transmitido com qualidade, no caso, o que eles poderiam oferecer para aquele momento.

Quando o rádio se tornou mais conhecido, a partir da segunda metade da década de 1960 algumas pessoas da cidade que possuíam um poder aquisitivo melhor e que queriam compravam um aparelho de rádio, podiam assim acompanhar as notícias que se

⁷²Por este motivo, a notícia da Emancipação Política da cidade foi dada pela senhora Maria das Neves no dia 10 de dezembro de 1953.

passavam na Paraíba e no restante do país. Mas, pensando naqueles que não podiam adquirir um equipamento deste para a casa, a senhora Maria das Neves, acompanhava as notícias pelo rádio que tinha em casa e depois as reproduzia pelo Serviço de alto-falantes, para que assim todos pudessem estar informados, como nos contou o senhor Gilvan José da Silva, que ouviu a notícia da morte de Tancredo Neves em 1985 pelo Serviço e nos confirma isto: “(...) ela sempre informava quando tinha uma notícia que escutava no rádio, ela passava através do serviço de alto-falantes, como a morte de Tancredo Neves. (...)”⁷³

No nosso terceiro e último capítulo, estaremos apresentando e analisando as diferentes formas de divertimentos e lazeres organizados por ou com a ajuda da “Voz de Pocinhos”, para animar e movimentar a cidade de Pocinhos, contribuindo para o desenvolvimento cultural do local.

⁷³Entrevista concedida à autora no dia 09/08/2011.

CAPÍTULO III

A cidade precisava movimentar-se: espaços de lazer e divertimentos organizados por e com a ajuda da “Voz de Pocinhos”.

Para falarmos de vida social em Pocinhos e o que de mais relevante marcou o período que estamos analisando, que se inicia na década de 1950, estendendo-se até o final da década de 1980, em termos de momentos de animação e descontração é preciso estabelecer alguns pontos, para que, estes possam nos auxiliar na compreensão do que pôde ser considerado como “espaços de lazer e divertimentos” na cidade de Pocinhos.

No decorrer deste trabalho, já fizemos uma descrição econômica e política do distrito de Pocinhos nos anos de 1950, sendo política e economicamente dependente de Campina Grande até o ano de 1953, quando conquistou a sua Emancipação Política, voltando-se a chamar-se Pocinhos, como antes de 1943.⁷⁴ Contudo, mesmo após a sua Emancipação, esta ainda continuou a manter relações com a cidade de Campina Grande, com qual estabelecia trocas comerciais.

Não podemos associar a idéia de vida agitada e movimentada à cidade de Pocinhos, como a exemplo, do que ocorria nos grandes centros como o Rio de Janeiro e São Paulo, quanto à organização de uma vida noturna nos anos de 1950. Em Pocinhos, podemos pensar que após a chegada do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, a cidade adotou, aos poucos, costumes que outrora não eram praticados pelos moradores e que foram incorporados as suas rotinas, como prolongar o horário para dormir ou prolongar os passeios na praça após a celebração das missas semanais.

Por sua vez, a cidade a seu modo, mas não abandonando os costumes habituais, foi encontrando nos eventos organizados por ou com a ajuda da “Voz de Pocinhos”, espaços para se divertirem, passear ou namorar. Não é que antes do surgimento do Serviço, a população não encontrasse meios para se divertir, mas que após a implantação da “Voz de Pocinhos”, estes foram mais divulgados, como os desfiles cívicos, as festas da Padroeira, os torneios de “argolinhas” e as comemorações realizadas no mês de junho, as chamadas festas juninas⁷⁵. Como também surgiram

⁷⁴Sobre estas informações, fornecemos mais explicações sobre o assunto no primeiro capítulo que compõe este trabalho.

⁷⁵Para um maior aprofundamento acerca das festas juninas no município, ver o estudo realizado por: RODRIGUES, Elayne Oliveira. *Da Tradição à Modernização: O São João em Pocinhos-PB. (1958-*

novos, como os shows de calouros e o cinema da cidade, que eram também administrados e organizados pelo senhor Hermes, contando com uma maior participação dos moradores do local.

A experiência vivida em Pocinhos se aproxima muito do que Souza (2006) vai comentar acerca dos divertimentos realizados em Campina Grande, depois da chegada do rádio, vejamos:

“Alguns divertimentos públicos já existiam na cidade de Campina Grande desde o começo do século XX, mas alguns deles só passaram a ser notícia ou obtiveram um maior sucesso a partir do momento em que foi inaugurado na cidade um equipamento moderno, revolucionário, divulgador e, de certa forma, organizador de todos os eventos, festividades e mesmo desavenças políticas e sociais que ocorreram na mesma a partir de 1949: o rádio.” (SOUZA, 2006, p. 19)

Assim, buscaremos apresentar e analisar as funções estabelecidas por cada um dos principais eventos e espaços de divertimentos existentes em Pocinhos, até o final da década de 1980 como formas de animação e lazer na cidade. Como os desfiles cívicos, festas da Padroeira, “argolinhas”, festas juninas, shows de calouros, o cinema São José e os programas que eram feitos nos estúdios da “Voz de Pocinhos”.

3.1- Festa Cívica: o sete de setembro.

Em Pocinhos, o dia sete de setembro, é comemorado há muitos anos. Não temos registros desde quando começou a ser celebrado este dia na cidade, sobretudo pelo grupo escolar, como era conhecido hoje a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Afonso Campos, que nos anos de 1950, comportava só as séries iniciais. Todavia, após o ano de 1965⁷⁶, quando foi criado o Ginásio Municipal Padre Galvão, para ampliar o ensino no município, as comemorações foram intensificadas, contando com a divulgação e transmissão do desfile. Sendo estas duas escolas responsáveis pela organização do desfile.

2011). (Monografia de conclusão do curso de História- Unidade Acadêmica de História e Geografia- UAHG- UFCG) Campina Grande, Paraíba, Brasil. 2011. 101 páginas.

⁷⁶Os desfiles cívicos depois do Regime Militar foram resignificados, adotando um discurso ufanista que enaltecia o país, por isso a valorização das cores da bandeira, do amor à Pátria. Com isto o desfile do sete de setembro era uma data propícia para colocar em prática este discurso.

As comemorações em torno da data, após 1951, iniciavam-se na madrugada do dia sete de setembro, como nos disse o senhor Antônio Andrade Fernandes, conforme relato abaixo, e encerravam-se com os desfiles dos estudantes.

“(...) Ah! o que marcava muito aqui em Pocinhos era o dia sete de setembro, que “A Voz de Pocinhos” tava em primeiro lugar né, fazia toda, toda a divulgação do dia sete de setembro, ligava cinco da manhã tinha a alvorada, Dona Neves ligava a difusora, soltava fogos era muito animado aqui antigamente (...)” ⁷⁷

O dia do desfile marcava a cidade, não era um dia normal, como podemos ver no relato do senhor Antônio. Neste dia, a população era acordada com a alvorada quando era tocado o hino nacional, e soltavam-se fogos, para demonstrar o sentimento de amor à Pátria. Esta prática era algo realizado todos os anos pelo Serviço, que fazia questão de fazer toda a cobertura do evento, que representava um dia de lazer e divertimento para a população que se fazia presente nas ruas para assistir tal ato de civismo. Como nos revelou nosso entrevistado “era muito animado aqui antigamente” ⁷⁸.

Os desfiles cívicos eram transmitidos pela “A voz de Pocinhos” em um palanque que geralmente era montado em frente à residência do senhor Hermes, e contava com a presença de políticos e pessoas importantes da cidade. Algo que foi intensificado nos anos da Ditadura Militar, toda a locução ficava sob a responsabilidade de Dona Neves, como é mais conhecida a senhora Maria das Neves na cidade. Esse palanque que era feito de madeira e decorado com tecidos nas cores da bandeira nacional.

⁷⁷Entrevista concedida à autora no dia 26/08/2011.

⁷⁸Ao dizer isto, o nosso entrevistado se referia à animação que este dia representava, mais também conforme as suas expressões durante a entrevista remetem ao que hoje se resume os desfiles do dia sete de setembro que não são mais transmitidos pela “A Voz de Pocinhos”, bem como a população que não celebra mais da mesma forma que eram nestes anos em análise.



Imagem 6- (Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha) desfile cívico do dia sete de setembro, não temos informações do ano exato desta fotografia, sabe-se apenas que foi durante o mandato do Prefeito Clóvis Chaves na década de 1970.



Imagem 7- (Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha), desfile cívico do dia sete de setembro, na década de 1970.

Na imagem 6, estão presentes no palanque: o prefeito da cidade na época, o senhor alto de terno e gravata posicionado à direita da imagem e outras pessoas que na época exerciam alguma influência na cidade; a senhora Maria das Neves é a pessoa que está com o microfone em uma das mãos e uma folha de papel na outra, certamente com os dados referentes ao desfile que estava passando em frente ao palanque.

Neste palanque, vemos ainda a presença de crianças e outras mais abaixo na imagem, pela delimitação somos levados a crer que eram crianças filhas de algumas autoridades que ali estavam presentes, e assim podiam estar naquele lugar. As que estavam embaixo seriam crianças filhas de pessoas comuns que não eram considerados da “sociedade”, por isto não podiam estar em cima do palanque, lugar de destaque.

Na imagem 7, podemos observar como a população se organizava embaixo do palanque para assistir ao desfile que passava pela rua. Vemos ainda, que as ruas centrais passaram por melhorias, como o calçamento, o que também aponta para um desenvolvimento da cidade. Uma fotografia dependendo da forma como foi feita, oferece vários subsídios, que estão sujeitos à análise. Mas neste estudo, nos deteremos somente a estes que citamos anteriormente, que ofereceram alguns indícios para observar esta festividade, como um momento de lazer e divertimento para a cidade. Sobre as delimitações de espaços nos desfiles cívicos, Souza (2002) confirma o que pode ser observado nas fotografias:

“A hierarquia que existia no cotidiano era ampliada e intensificada nas festas da ordem. Pelo mesmo motivo que as autoridades tinham um lugar especial na solenidade (um palanque), aqueles que não tinham nenhuma autoridade ou posição de destaque na sociedade deveriam ficar isolados por algo que demarcasse a sua diferença em relação aos bem nascidos ou enriquecidos. Estas demarcações eram necessárias para marcar quem era quem, (...) tudo tem que estar extremamente claro para todos os participantes. Os festejos da ordem são festas públicas, porém não são festividades coletivas.” (SOUZA, 2002, p. 200.)⁷⁹

⁷⁹SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. Neste trabalho, Souza (2002), realiza um estudo a cerca dos divertimentos em Campina Grande entre 1945-1965. Ao falar dos divertimentos que eram realizados ao ar livre, apresenta os desfiles cívicos que eram realizados na cidade. O autor apresenta a experiência de Campina Grande, contudo, nós utilizamos este mesmo discurso para refletirmos sobre as experiências dos desfiles cívicos na cidade de Pocinhos, principalmente quanto às posturas que eram adotadas.

A imagem 7, foi feita para mostrar o desfile que passava pela rua, por ela, podemos identificar a forma como os estudantes se portavam na rua, organizados em filas, com expressões sérias em respeito à Pátria. Os preparativos para a festa, às vezes começavam com meses de antecedência, e iam dos preparativos das roupas e do que iam apresentar nas ruas, até a ensaios na semana que antecedia o dia sete de setembro, para ensinar as crianças como deveriam marchar.

No dia, o fardamento tinha que estar muito bem arrumado, com os corpos limpos, mostrando com isto uma ideia de ordem, disciplina e progresso; valores estes que com a Ditadura Militar foram intensificados. Concordamos com Souza, quando este diz que: “(...) os indivíduos podiam até não saber porque faziam aquilo, mas suas práticas e procedimentos tinham mais sentido do que pretendiam.(...)” (SOUZA, 2002, p. 195)⁸⁰. Podemos acreditar que este evento representava sim um divertimento para a cidade, que esperavam por este dia, por ser ele tão diferente dos demais.

3.2 E na cidade tinha divertimentos para todos os gostos... Festa da Padroeira, argolinhas, festas juninas, shows de calouros e cinema!

Além do desfile cívico do dia sete de setembro, existiam também outros momentos que a população podia sair de casa e encontrar amigos, namorar ou simplesmente passear. Existiam festas que eram marcadas pela presença tanto de seu Hermes, como a da senhora Maria das Neves, e a Festa da Padroeira era uma destas, que contava com a presença dos dois. A festa da Padroeira era dividida em dois momentos específicos, sendo uma de caráter religioso e outra de caráter social.

A festa era realizada pela Igreja Católica e a festa social era organizada com a finalidade de arrecadar dinheiro para custear os gastos da paróquia. Como forma de se obter dinheiro, organizavam um pavilhão, atrás da Igreja matriz, geralmente depois que acabam as comemorações religiosas. Geralmente contratavam-se alguns tocadores para

⁸⁰SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

animar a “Festa da Padroeira”, nesta festa eram vendidas comidas e bebidas e contavam com a presença de muitas pessoas.⁸¹

Porém, esta festa era mais freqüentada por pessoas que tinham melhores condições financeiras, já que para freqüentar o pavilhão era preciso pagar uma entrada, e depois de estar no local tudo o que se desejasse consumir era pago. Havia também leilões, onde eram preparadas em pratos, enfeitados com verduras, algumas aves, geralmente perus ou galinhas assadas, para serem leiloadas.

Neste momento, o Serviço de alto-falantes era acionado para fazer a transmissão. Como não havia outro serviço de som, o senhor Hermes levava para o local os equipamentos necessários e no local fazia o leilão da ave. Assim nos confirmou o senhor Antônio Fernandes Andrade:

“(...) é ai quando era a festa da padroeira tinha seu Hermes ia com o serviço de som para dentro do pavilhão e ficava fazendo toda a divulgação de dentro do pavilhão né, e teve até inclusive aqueles leilões e arrematações, tinha muitas arrematações o pessoal gastava muito (risos)”⁸².

Esta era o tipo de transmissão que o senhor Hermes gostava de realizar, por não exigir uma locução tão formal, pelo fato do locutor poder fazer brincadeiras com o público e o momento ser mais descontraído.

Outro momento de locução que o senhor Hermes gostava de realizar, era de narrar as “argolinhas”, conhecidas também por cavalhada. Sua origem é de Portugal e foi implantada no Brasil ainda no período colonial⁸³. Em Pocinhos, eram realizadas freqüentemente e contavam com a participação de muitas pessoas que assistiam e torciam pelo cavaleiro de seu agrado⁸⁴. Certamente atraía muita atenção das moças, que viam os rapazes disputarem entre si para conquistar o primeiro lugar.

⁸¹A chamada Festa da Padroeira, a de caráter social, foi realizada até o ano de 2001, depois disso, com a chegada de um novo padre na paróquia, foi extinta a festa. Segundo o padre, A festa social ia de encontro a tudo o que a Igreja pregava com relação aos pecados, por se vender bebidas alcoólicas e pelas músicas que eram tocadas. Mas a festa religiosa continua a ser realizada todos os anos no dia 08 de dezembro.

⁸² Entrevista concedida à autora no dia: 26/08/2011.

⁸³O torneio era realizado na cidade seguindo alguns critérios, que podem variar de lugar para lugar. Com alguns cavaleiros, que postos com uma vara na mão, tentavam acertar as argolas que ficavam a alguma distância destes, aquele que conseguisse ao final de algumas rodadas ter pego com a vara o maior número de argolas, era o vencedor.

⁸⁴Estas informações nos foram concedidas pela senhora Maria das Neves, em entrevista no dia 21/09/2011.



Imagem 8-(Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha), não conseguimos identificar em que ano foi realizada essa fotografia.

Nesta fotografia observamos o senhor Hermes com o microfone em mãos, porque sempre levava o equipamento de som para o local, onde iria acontecer o evento, a frente de três cavaleiros em uma festa de argolinha. Não foram identificadas, quem eram estas três pessoas, mas que certamente tinham ou iriam concorrer à argolinha.

Temos conhecimento que desde o final da década de 1950, a cidade de Pocinhos já possuía um modesto cinema, que com o passar dos anos foi sendo aumentado até chegar a ocupar um prédio atrás da Prefeitura Municipal que era de propriedade da Paróquia. O cinema, ou como era mais conhecido, o Cine São José, era administrado pelo o senhor Hermes, mesmo proprietário da “Voz de Pocinhos”. O Cine São José era utilizado para oferecer divertimentos para a cidade, sendo o ponto de encontro de pessoas de diferentes faixas etárias.

O cinema foi utilizado como forma de lazer e divertimento em várias cidades, como a exemplo de Campina Grande e Recife⁸⁵, em Pocinhos a experiência do cinema, revelava que a cidade, adotara costumes noturnos, que associados ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, tornavam-se as principais formas de divertimentos da cidade, já que funcionavam regularmente. Diferentemente de outros eventos, como o desfile do dia sete de setembro, a festa da padroeira, as corridas de argolinhas e as festas juninas, que tinham datas específicas para acontecerem e não se repetiam em outras datas durante o ano.

Podemos dizer que o Cine São José e o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” trabalhavam em “conjunto” para animar e levar entretenimento para a população que podia frequentar esse lugar. Já que era paga uma quantia para se assistir o filme ou apresentação. Para aqueles que não podiam pagar, restava somente participar dos divertimentos realizados ao ar livre, nos quais não se pagava nada. Assim, na cidade o que de mais diferente tinha, antes do cinema e da “Voz de Pocinhos”, era a realização das missas no sábado e no domingo à noite, depois disso as pessoas iam para as suas casas.⁸⁶

Existiam diferentes horários de exibição dos filmes, para atender aos diferentes públicos, antes da exibição do filme, era anunciado no Serviço de alto-falantes qual era o filme que seria exibido, para assim despertar a curiosidade nas pessoas para que elas fossem assistir ao filme, como diz o ditado popular “a propaganda é a alma do negócio”.

Agora vamos observar o que nos disse a senhora Maria das Neves: “(...) anunciava aqui e eu ia pra bilheteria vender. Arnaldo Herculano, que já morreu, que era muito amigo da banda de música ia me ajudar, ficava na portaria vendendo ingresso. (...)”⁸⁷ por meio desta fala, acreditamos que a população comparecia ao cinema no dia da sessão e o número de pessoas devia ser grande, já que a senhora Maria das Neves

⁸⁵Para saber sobre as experiências do cinema em Campina Grande e em Recife consultar: ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. 2001. 461p. Tese. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. Nas suas teses, estes autores falam um pouco sobre as experiências que o cinema provocou em Recife e em Campina Grande.

⁸⁶Estas informações nos foram concedidas pela senhora Maria Marlene Chaves Silva de 58 anos, moradora da cidade, nesta época em que ela nos fala, ela tinha em média entre 13 e 15 anos.

⁸⁷Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011.

ficava na portaria e outra pessoa ficava na porta vendendo também bilhetes, já que pelo visto sozinha na bilheteria, ela não dava conta da demanda.

Este fato revela que a propaganda pelo Serviço de alto-falantes surtia efeito. Segundo a senhora Maria das Neves: “(...) era muito bom, cada filme passava aqui o primeiro filme que passou foi *Mar sem fim* (1940), passava de Mazzaropi também. (...)”⁸⁸ que atraía a atenção dos telespectadores. Também não podemos generalizar ao afirmar, que sempre seria dessa forma, já que nos últimos anos de existência do cinema, qualquer tipo de atração que chegasse à cidade, como um circo, já levava consigo todo o público⁸⁹.

Mas, tinha gente que não ia só para o cinema para assistir filme não, o cinema era ponto de encontro de amigos e familiares, mas também era uma forma de paquerar aquele rapaz ou aquela moça pela qual se estava apaixonado. Assim nos disse a senhora Maria Marlene Chaves Silva, ao confirmar que o cinema propiciava estes espaços de convivência para os apaixonados:

“(...) Mas era bom, era bom, hoje não, é mais fácil né? (sic) Era novidade, porque não tinha nada, ai quando como o Cine São José naquela época não tinha televisão, ai era os encontros dos namorados no final de semana, aproveitar para ver a namorada pra assistir um filme, porque não tinha em casa, hoje tem em casa, o povo nem liga pra cinema né?”⁹⁰

Aqui a senhora Maria Marlene, tenta nos mostrar a diferença entre as formas de divertimentos da cidade no seu tempo de adolescente e os de hoje (a televisão), e como hoje é difícil encontrar no cinema, um espaço para namorar. Já que nos dias atuais, só temos acesso às salas de cinema, disponíveis em *shoppings*, porque já não existem mais cinemas como nesse tempo em que ela era adolescente. Não há mais o encanto de outrora, sendo possível assistir a um filme em qualquer lugar hoje, sem que necessariamente seja nos “cinemas”, que hoje temos à disposição.

O cinema em Pocinhos não servia só para a exibição de filmes, servia também para as apresentações de importantes cantores da época como Luiz Gonzaga,

⁸⁸Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011.

⁸⁹Esta informação nos foi concedida pelo senhor Antônio Fernandes Andrade, em entrevista no dia 26/08/2011.

⁹⁰ Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011. A entrevistada é uma senhora de 58 anos, moradora da cidade, trabalha atualmente como agente de saúde e quando criança participou dos shows de calouros que eram organizados pela “A Voz de Pocinhos” e era realizado no prédio do Cine São José.

Teixeirinha, Marinês e Sua Gente, entre outros. Contudo, antes das apresentações, “A Voz de Pocinhos” fazia toda a propaganda, motivando as pessoas, para irem prestigiar este evento na cidade. Relembrem os nossos entrevistados, a senhora Maria das Neves e o senhor Antônio Fernandes Andrade sobre as visitas destes artistas:

“É teve muitos shows, sempre tinha muitos shows aqui, inclusive quando eu cheguei aqui teve uma orquestra aqui, a orquestra de Raul de Barros que tinha se apresentado no Clube né, mais antes foi para o cinema foi uma festa muito bonita e o cinema encheu com essa, esse, essa banda que veio de fora. Divulgava através da “Voz de Pocinhos”. Todas as festas eram divulgadas através da “Voz de Pocinhos”. É depois teve aqui Luiz Gonzaga, teve Marinês e Sua Gente, é Ademar Silva. Teixeira, Teixeira foi super, super lotado o cinema, eu não sei como pegou tanta gente para ir assisti-lo. Ainda lembro como se fosse hoje.”⁹¹

“(…) teve tanta coisa mulher que foi transmitido pela “Voz de Pocinhos”, os cantores que vieram aqui em Pocinhos, Luiz Gonzaga veio duas vezes, Teixeira o cinema quase cai de tanta gente, Marinês e Sua Gente, Alcides Gerárdi (…)”⁹²

Ambas as falas, remetem ao sucesso que estas apresentações tiveram na cidade. Momentos que muitas vezes eram esperados com muita ansiedade, pela população, para poder ver bem de perto, os artistas que na época eram ouvidos pela “A Voz de Pocinhos” e embalavam os encontros entre as famílias, namorados e amigos, que após a missa se encontravam na praça para passear. Desse modo, confirma a senhora Maria Marlene: “(…) era isso que tinha aí a gente se arrumava pra ir para missa se arrumava e depois da missa ficava né, na praça. Era só o que tinha, ligavam a difusora, aí a gente ficava escutando música pela difusora e paquerando, pronto! (risos)”⁹³

Naquela voz que é ouvida pelos alto-falantes ou pelo rádio (no caso de outras cidades, como Campina Grande) que ecoava pelas casas e ruas, cada pessoa poderia colocar no seu artista, “o rosto e o corpo dos seus sonhos.”⁹⁴ Talvez ao saber da notícia que o artista, que encantava pela voz e povoava o imaginário de muitas pessoas

⁹¹Entrevista concedida à autora em 26/08/2011.

⁹²Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

⁹³Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011.

⁹⁴Nicolau Sevcenko – “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio” in: **História da Vida Privada no Brasil**; São Paulo: Companhia das letras, 1998, vol.3.p. 586.

com o rosto e o corpo que qualquer um poderia criar, fazia surgir um grande desejo de vê-lo como realmente era, e assistir a uma apresentação deste artista, tornava-se uma oportunidade imperdível.

Muitas pessoas encantadas com os seus artistas sonhavam também em elas mesmas serem artistas um dia. Em Pocinhos, certamente este sonho deve ter passado pela cabeça de algumas pessoas que chegaram a participar dos shows de calouros, que eram organizados pela “A Voz de Pocinhos” e apresentados no prédio do Cine São José, nos dias que não era exibido algum filme.

O show de calouros foi uma forma encontrada pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” para animar a cidade quando não havia outra diversão no local. Era marcado um dia em que iria ser realizado o show de calouros, em seguida era anunciado por Dona Neves que estavam abertas as inscrições para os interessados. Podiam participar crianças e adultos, não era cobrado nenhum valor pela inscrição, mas para assistir ao show era preciso pagar uma entrada. As pessoas que participavam do show de calouros não recebiam nenhum valor, mas eram “atrações”, que faziam com que os organizadores conseguissem ganhar algum dinheiro com estas apresentações. O show de calouros animava sim a cidade, mas para sua realização, não era só este o fator determinante, como podemos perceber, existiam também interesses econômicos.

A senhora Maria Marlene Chaves Silva, quando tinha entre oito e nove anos de idade chegou a participar duas vezes desses shows de calouros. Vejamos como se dava a preparação:

“(...) eles faziam a propaganda que ia ter, ia as pessoas procurasse pra se inscrever. Ai pronto a pessoa se inscrevia e em casa mesmo que ia, ia (risos) ensaiava tudinho pra se apresentar. É pelo menos a música a pessoa escolhia e a roupa tudo era a vontade não tinha nada assim... (planejado).”⁹⁵

Cada participante, ao seu modo, procurava ensaiar a música do seu cantor preferido e preparava como seria a sua apresentação, para assim conquistar o júri e a platéia que estavam atentos a tudo, esperando apenas um “deslize” do candidato para reprovar o seu show. Quanto ao figurino, cada um planejava a roupa que iria usar, mas sempre havia uma ou outra pessoa que certamente iria tentar ficar o mais parecida possível com o seu ídolo.

⁹⁵Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011.

Ainda conforme as lembranças da senhora Maria Marlene, podemos entender como se davam estas apresentações:

“(...) era bem assim movimentado, eu sei que dava bastante gente. Ai ali tinha uma classificação, quem cantava melhor com o júri, eu também não sei quem participava desse júri. Ai pronto, dava uma nota, ai quem tinha ganhado ali, ganhava o prêmio. Era coisa simples, era só incentivo mesmo.”⁹⁶

Por este relato, podemos perceber que os shows de calouros eram organizados contando com a presença de um júri, que dava uma nota e um “prêmio” que poderia ser um sabonete ou um chocolate ao candidato que ganhasse a competição. Ainda para aqueles que melhor cantassem iam se apresentar em Campina Grande, nos shows de calouros que eram organizados nos auditórios das rádios Borborema e Caturité. Enquanto isso, em Pocinhos as pessoas ouviam e torciam pelo rádio, para o candidato que lá estava para representar a cidade.

E nesses momentos a cidade encontrava formas para se divertir ou mesmo encontravam alguns motivos para sair de casa e mudar a rotina. A partir da década de 1970, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” começou a ganhar uma programação, que variava conforme iam chegando e saindo os locutores, que começavam os programas e por diversas questões precisavam se afastar, enquanto outros chegavam. Desse modo, predominou até o final da década de 1980. Estes programas também ofereciam momentos de lazer à população, que poderiam ouvir as músicas de seus artistas, saber das notícias locais e do país.

Existiam na cidade estes eventos, que anteriormente já comentamos, mas alguns jovens da época perceberam que o espaço da “Voz de Pocinhos” poderia ser mais aproveitado para levar informações, notícias e músicas para a população⁹⁷, principalmente para animar a juventude, como nos disse o senhor João Antônio Alexandrino, ao convencer à senhora Maria das Neves a ligar o Serviço de alto-falantes após as missas nos domingos à noite “pra animar a juventude, vamos ligar a difusora Dona Neves fazer música!”⁹⁸

⁹⁶Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011.

⁹⁷Estas informações nos foram concedidas em entrevista no dia 23/07/2011 pelo senhor João Evangelista Guimarães.

⁹⁸Entrevista concedida à autora no dia 1º/09/2011. O entrevistado foi um locutor que possuía um programa musical nos domingos à noite após a missa que ia até as 22:00 hs.

E desse modo, sem um planejamento prévio as noites dos domingos ficaram mais animadas depois da missa, os jovens participavam do programa, ora fazendo um pedido musical, ora mandando um recadinho apaixonado para a pessoa que estava a paquerar. Dessa maneira, as pessoas iam se conhecendo e aproveitando aquele pouco tempo que tinham na semana para se divertir. Sobre estas noites de domingo, relembram os nossos entrevistados:

“Ficava na praça namorando e mandando os recadinho, ia lá: “mandar uma música pra minha namorada, mande aquela música...” E a gente (som de música) vai e manda música e manda música e a coisa ia acontecendo gostosa, saudável né (risos)”⁹⁹

“(...) depois da missa (...) ligavam a difusora ai a gente ficava escutando música pela difusora e paquerando pronto (risos)”¹⁰⁰

“(...) Agora o de João era bem melhor porque era o domingo à noite depois da missa é onde tava todos os namorados ali da praça, arrudiando a praça na época, os jovens o pessoal os jovens, nós jovens ficava a diversão maior era ir para a praça no domingo. (...)”¹⁰¹

Estes três entrevistados em seus relatos remetem a estas noites de domingo, como momentos de encontros e diversão, nas lembranças de nossos entrevistados, eles remetem há este tempo com nostalgia, como sendo um tempo bom, que a juventude sabia aproveitar estes momentos e, como nos afirmou o senhor João Evangelista Guimarães, era “a diversão maior era ir para a praça no domingo.” Acreditamos que muitos jovens freqüentavam a praça no domingo à noite, atraídos pelas músicas que tocavam no “programa de João” que segundo o senhor João Evangelista, conhecido como “Zominho”, chamavam mais a atenção do público, diferente do seu que era realizado no domingo pela manhã e o pessoal ouvia mais de casa.

Muitas devem ter sido, as jovens que com a justificativa de ir à missa no domingo à noite, ficavam um pouco mais na praça sob a desculpa de ouvir o “programa de João”, para assim poder ver o amado, nem que fosse só de longe, paquerando, como nos disse a senhora Maria Marlene Chaves Silva. E desse modo com um recadinho aqui,

⁹⁹Entrevista concedida à autora no dia 1º/09/2011, pelo o senhor João Antônio Alexandrino.

¹⁰⁰Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011, pela senhora Maria Marlene Chaves Silva.

¹⁰¹Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011, pelo o senhor João Evangelista Guimarães.

um alô ali, um oferecimento de uma música “a coisa ia acontecendo gostosa, saudável” como afirmou o senhor João Antônio Alexandrino.

Imaginamos que sem a contribuição do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, os namoros, as paqueras e os encontros poderiam ter acontecido de outras formas e em outros lugares. Mas com a presença das músicas, do espaço aberto para as declarações apaixonadas, estes momentos foram modificados.

Durante a semana havia um programa que era realizado das nove horas da manhã até as onze horas, era o “Manhã de Sucesso” que era feito pelo filho do senhor Hermes e da senhora Maria das Neves, Herbert Oliveira, conhecido como Bebeta. Este cresceu vendo o trabalho dos pais e entre 12 e 13 anos já estava realizando este programa.¹⁰² Este programa deve ter durado alguns anos, segundo o senhor João Evangelista Guimarães: “(...) o programa de Bebeta era muito bom, era completo porque ele tinha tudo. Ele era utilidade pública o tempo todo, tinha entrevista, tinha notícias, ele fazia muito bem o programa, ele era muito bem produzido.(...)”¹⁰³. Este programa deve ter contribuído muito para a população estar informada, bem como modificou a rotina das pessoas que ouviam músicas e notícias pelas manhãs.

Existiram também outros programas destinados a outros públicos, como o programa que era realizado aos domingos pela manhã das dez horas até o meio dia que era destinado a reproduzir canções da Jovem Guarda. E que era destinado ao público mais adulto, isto já na década de 1980, como nos diz o senhor João Evangelista Guimarães: “(...) já foi um público adulto, jovem tá dormindo dez horas da manhã e pelo tipo de música eu acho que atingia, eu acho não, atingia mais o pessoal mais maduro.”¹⁰⁴

Para serem realizados estes programas no Serviço de alto-falantes, não era pago nenhuma taxa ou quantia da população ou dos locutores que utilizavam o Serviço. Todas as despesas, com a manutenção de equipamentos, para comprar os discos, quando os locutores não conseguiam emprestados, com a despesa de energia elétrica e o pagamento da mensalidade do ECADE para que fossem tocadas as músicas no Serviço, ficava tudo sob a responsabilidade do senhor Hermes.

¹⁰²Obtemos estas informações com base na entrevista que o senhor Herbert Oliveira “Bebeta” concedeu a TV Correio em reportagem que falava dos 60 anos de existência do Serviço na cidade, ao programa Correio Espetacular no dia 05/08/2011.

¹⁰³Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

¹⁰⁴Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

Entretanto, os jovens locutores como forma de ajudar nas despesas que o senhor Hermes tinha, tentavam conseguir patrocínios ou propagandas para serem gravadas por eles e depois serem retransmitidas na “Voz de Pocinhos”. Como nos diz o senhor João Evangelista Guimarães: “(...) a gente durante a semana, a gente gravava publicidades comercial né, para poder manter, pagar a energia ajudar na manutenção da “Voz de Pocinhos”. (...)”¹⁰⁵

Durante o mês de junho, “A Voz de Pocinhos”, elaborava uma programação diferente da que apresentava nos seus programas semanais. Para comemorar as festas juninas, na cidade não havia ainda o chamado “São João de rua”, que só vai ser criado na década de 1990, a comemoração resumia-se a transmitir os casamentos matutos que eram organizados de frente à igreja e a apresentação de músicas com algumas apresentações de emboladores de côco e cantadores de viola, tudo isto era realizado com a ajuda da “Voz de Pocinhos”, que dias antes convocava a população a participar das festividades.

Por sua vez, é importante mostrar que também existiam pessoas que não gostavam do “barulho” que o Serviço fazia na cidade. Diferente do rádio, que o ouvinte pode desligar o aparelho ou mudar de estação caso não queira ouvir determinada programação, o Serviço de alto-falantes invadia as casas das pessoas, sem pedir licença e as pessoas tinham que ouvir mesmo que não quisessem o que estava sendo colocado no ar pela “A Voz de Pocinhos”¹⁰⁶.

Um fato, entretanto, marcou os programas que eram realizados pela A Voz de Pocinhos, mais especificamente o programa de Bebeta o “Manhã de Sucesso”. Vejamos o que nos diz o senhor João Evangelista Guimarães:

“(...) eu me lembro de uma crítica que a gente recebia de Antoniete de Antônio de Zuza. (...) Antoniete era gerente do Correio e com razão, ela tinha razão, sabe o Correio funcionava parte ali onde era a casa da família¹⁰⁷ teve um tempo que ele funcionou ali e depois lá perto da própria casa de

¹⁰⁵Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011. O entrevistado é o senhor João Evangelista Guimarães, o mesmo da entrevista das notas 101 e 102.

¹⁰⁶Este comentário foi realizado pelo senhor João Antônio Alexandrino, ao reclamar de uma época que colocaram dois alto-falantes na rua da sua casa e segundo ele “ninguém podia dormir!” quando o Serviço era ligado. Em entrevista concedida à autora no dia 1º/09/2011.

¹⁰⁷Esta casa onde hoje funciona a “casa da família” que é onde funcionam os programas assistencialistas do governo federal em Pocinhos, e que nessa época funcionava o Correio, ficava bastante próximo ao Serviço de alto-falantes A Voz de Pocinhos.

Antoniete que era uma casa de (sic) ali funcionou o Correio. O que é que acontecia naquela época, ela tinha que enviar telegrama via telefone (sic), ora quando aquele telefone tocava tava a “Voz de Pocinhos” ligada. (...) ¹⁰⁸

As reclamações devido ao barulho que o Serviço fazia eram constantes, principalmente durante a manhã quando o atendimento era maior no Correio. Possivelmente as reclamações surgiam porque não dava para se ouvir nada do que era dito ao telefone, já que era assim a forma como se recebia e se enviavam os telegramas. Segundo o senhor João Evangelista Guimarães “ela tinha razão” de reclamar, já que devia ser um transtorno para ela administrar o Correio dessa forma. Assim, podemos perceber a disputa existente entre dois equipamentos modernos no mesmo espaço de tempo.

Porém, podemos afirmar que da mesma forma que o Serviço agradava a uns poderia causar transtornos a outros. Mesmo que este tenha sido um caso específico, se houve outros nós não tomamos conhecimento, é um registro, de que existiram pessoas que em algum momento reclamaram do Serviço, mesmo que tenham sido poucas.

Contudo, há muitas outras pessoas que, o Serviço de alto-falantes, deve ter servido de forma positiva. “A Voz de Pocinhos” contribui para que, a cidade desenvolvesse seus espaços de lazer, para que a cidade mudasse o seu cotidiano, entre outros feitos que ao longo deste trabalho tentamos mostrar aos leitores.

Além disto, em muitos momentos é importante acrescentar neste trabalho, que sempre que a senhora Maria das Neves fazia um convite ou convocava a população para determinado evento ou ajuda, a população sempre atendia, da forma que precisava. Principalmente quando se tratava de campanhas de cunho social, como para arrecadar medicamentos para pessoas doentes, campanhas de cestas básicas para pessoas carentes, para doadores de sangue. Foram feitas muitas campanhas para conseguir roupas e lençóis para o hospital municipal, quando o poder público não podia comprar. Estes são apenas alguns exemplos, das muitas campanhas que foram realizadas pela “A Voz de Pocinhos”.

Por este e por tantos outros feitos realizados pela “A Voz de Pocinhos”, para a cidade, foi promulgada a lei municipal nº 495 de 03/04/1991, reconhecendo como sendo de utilidade pública para o município, os trabalhos prestados pelo Serviço de alto-

¹⁰⁸Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

falantes, assinado pelo prefeito da época Salvino Souto de Oliveira e pelo secretário Cláudio Chaves da Costa. Como podemos ver, conforme documento abaixo:

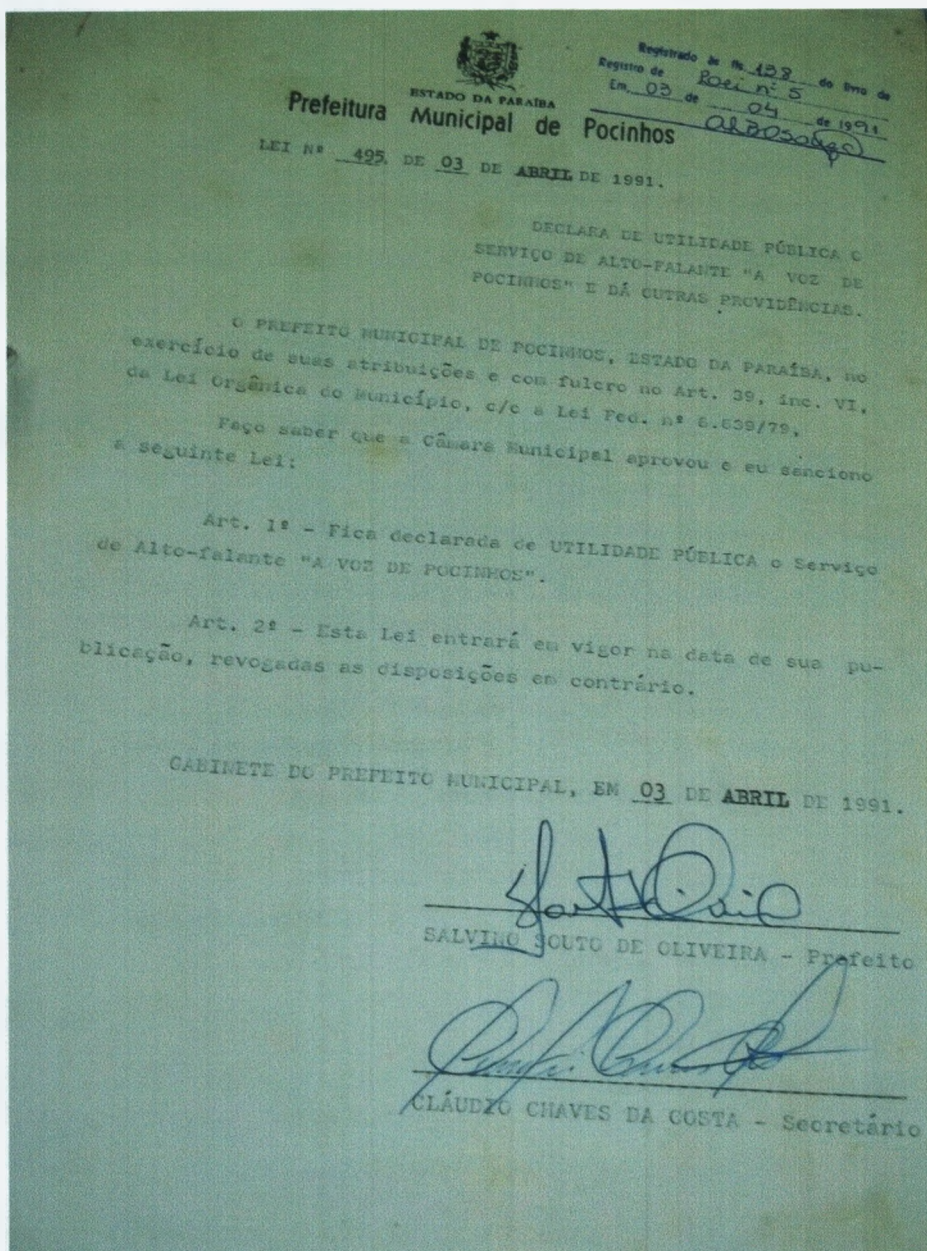


Imagem 9 – (Acervo da Prefeitura Municipal de Pocinhos) Esta é a lei Nº 495 de 03/04/1991, localizada no Livro de Leis e Decretos do município. Este documento mostra o reconhecimento de utilidade pública do Serviço para a cidade de Pocinhos.

E com este reconhecimento de utilidade pública, no ano que o Serviço completou os seus 40 anos de fundação, percebemos que o poder público, pôde perceber a contribuição que “A Voz de Pocinhos” oferecia a toda a comunidade. Não sendo apenas um veículo de comunicação, utilizado somente para reproduzir músicas ou levar

notícias à cidade. Sua função foi muito, além disto, mesmo atendendo aos políticos em épocas de campanhas ou abrindo espaço para que estes fizessem seus pronunciamentos, não se esqueceu de atender aos pequenos, aos mais humildes.

Mesmo que devido aos interesses políticos e econômicos a participação destas pessoas tenha sido reduzida, não se pode negar que em algum momento a “voz” destas pessoas foram ouvidas, estes também encontraram as suas formas para que pudessem ser ouvidos. Fosse por uma participação, reclamação ou simplesmente por um pedido musical, dessa maneira compreendemos que o desejo de “servir à coletividade” tenha sido alcançado por aqueles que fundaram o Serviço de alto-falantes e deram voz à cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao término deste trabalho podemos afirmar que ele foi muito importante para nossa formação, por nos fazer crer que somos sim capazes de estar trabalhando com uma temática, que aparentemente, por não possuir fontes escritas, chegamos a pensar que não haveria possibilidades de levar adiante este projeto.

Contudo, ao iniciarmos a pesquisa para a constituição deste trabalho, percebemos que só por meio desta, conseguiríamos “desvendar” os campos que não conseguíamos enxergar. Em um dos encontros que tivemos com o nosso orientador, e ao escutar as nossas angústias, ao afirmarmos “que não existiam fontes!”, ele nos dizia pacientemente que “o que marca o trabalho do historiador é a sua persistência!” e que não deveríamos desistir e que continuássemos a procurar as fontes para elaborar este trabalho.

E assim guiados por esta frase, continuamos a realizar as nossas pesquisas e aos poucos fomos descobrindo os vestígios que puderam nos ajudar a contar um pouco da história do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, bem como a sua participação junto ao desenvolvimento da própria cidade. Como algumas fotografias, alguns documentos escritos que foram encontrados na Prefeitura Municipal e os relatos orais das pessoas que em algum momento estiveram trabalhando ou sendo ouvintes do Serviço.

No nosso primeiro capítulo, buscamos perceber o contexto econômico e político da cidade de Pocinhos, bem como o papel do Serviço de alto-falantes ao longo das diferentes décadas pelas quais passou. No segundo capítulo, procuramos mostrar o papel político e social desenvolvido pela “Voz de Pocinhos” na vida política da cidade, se mostrando sempre muito participativa. Por fim, apresentamos aos nossos leitores a contribuição legada pelo Serviço para a Pocinhos, quanto aos espaços de lazer e divertimentos para a população, fossem pela transmissão ou pela organização dos eventos culturais.

Este estudo, por sua vez, nos ofereceu a oportunidade de colocar em prática muitos dos ensinamentos que aprendemos ao longo do curso de História. Mas também nos concedeu a oportunidade de aprender muito com os nossos entrevistados, que no decorrer da pesquisa nos expuseram suas memórias, práticas e sentimentos,

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antônio Clarindo Barbosa Souza, Flavianny Guimarães e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006. 175p.

TESES

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925).** 2001.461p. Tese. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965).** 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

MONOGRAFIA

RODRIGUES, Elayne Oliveira. **Da Tradição à Modernidade: O São de Pocinhos-PB. (1958-2011).** 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História e Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil.